

MARIA

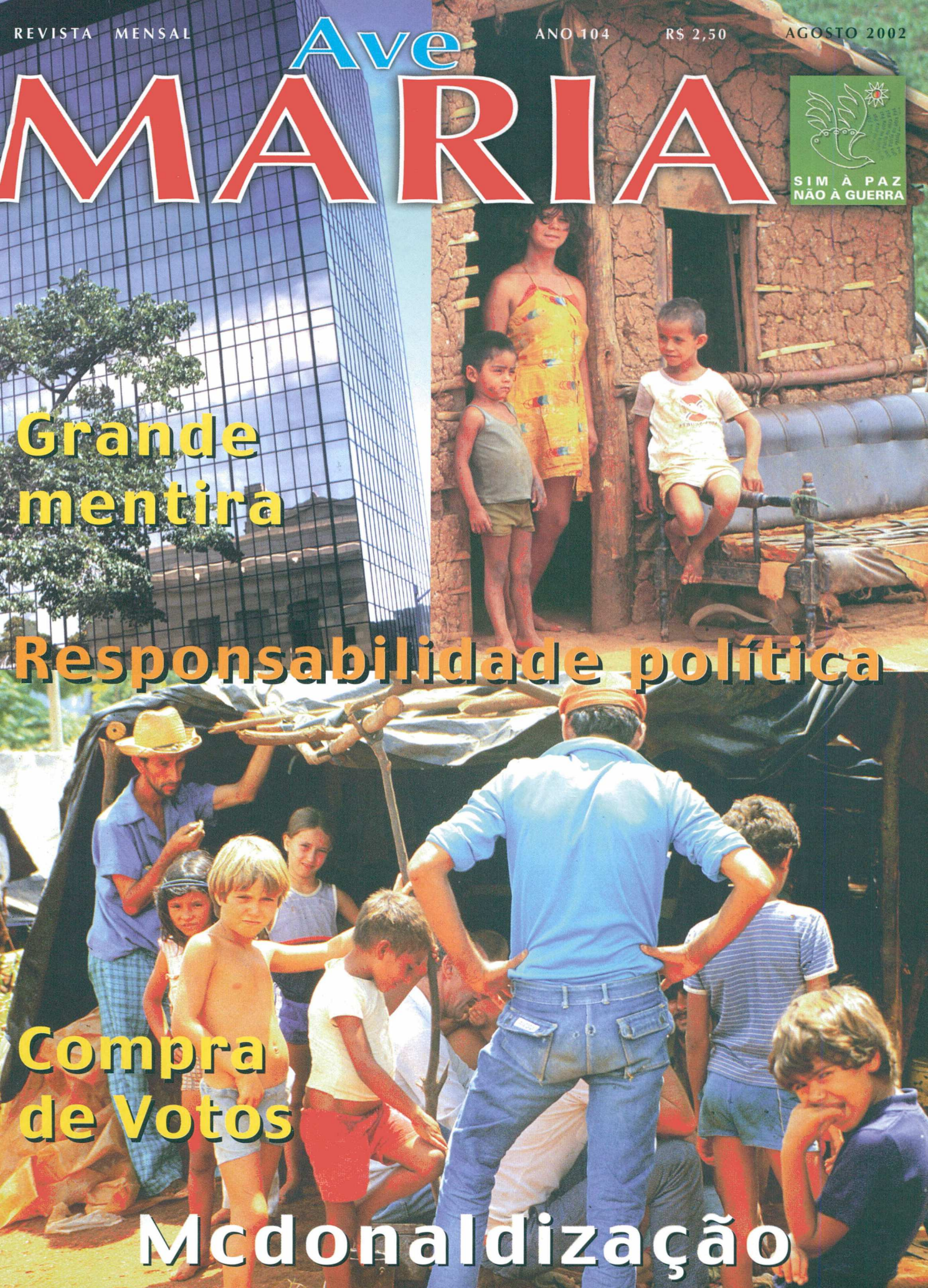


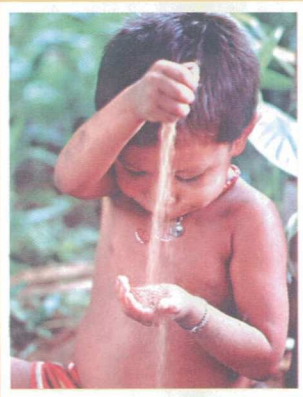
**Grande
mentira**

Responsabilidade política

**Compra
de Votos**

Mcdonaldização





Missa da Terra-sem-Males

(Continuação)

Os cristãos primitivos tinham uma consciência mais clara do risco que significava celebrar a Ceia Pascal do Senhor, aquela “memória perigosa”.

Para nós – cristãos menos lúcidos ou menos honestos – a Missa tem sido, por tempo demasiado, um sossegado espetáculo litúrgico a que se assiste passivamente e com o qual se cumpre uma prescrição eclesial. Por tempo demasiado, viemos passando pela Missa como se passa por um coquetel social, sem nos marcar a vida com o Sangue da Aliança, sem abrir mão da nossa segurança egoísta em favor do Reino da Liberdade. Fechados num clima contraditoriamente “católico”, que nega o Ecumenismo e a autêntica Catolicidade, que desconhece, de fato, o valor universal da Encarnação do Filho de Deus e sua Oblação em prol de todos os irmãos dispersos.



Neste clima, os Índios, evidentemente, não têm nada a fazer numa Missa... “Acredito na missão que foi a vocação de Jesus, que é essência da Igreja”, no dizer do Vaticano II. E me sinto herdeiro dos missionários de ontem – de seus pecados e de seus méritos. O “nós” da “Memória Penitencial” da Missa é um nós eclesial, coletivo. Que cristão pode negar, que cristão não deve assumir reparadoramente os erros cometidos ontem e hoje pela Igreja de Jesus, às vezes com a melhor boa vontade?

Os homens erram e os cristãos continuam humanos. Paulo repreendeu a Pedro por tentar acobertar a transmissão da cultura judaica na transmissão do Evangelho livre de Jesus Cristo. Foi em nome da Civilização Ocidental, chamada de “cristã”, que os Conquistadores, acompanhados dos Evangelizadores, destruíram de fato, não apenas Culturas mas Povos inteiros. Segundo estatísticas sérias, dentro das várias opiniões, o Brasil, na época da conquista, teria cinco milhões de Índios... Hoje, tem cento e oitenta mil. Devo julgar o passado pelos olhos que hoje tenho.



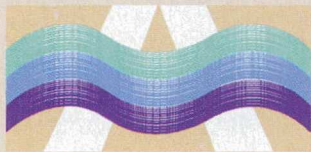
Antropologicamente, teologicamente. O que não significa culpar as intenções dos homens do passado. Se não pudéssemos julgar assim, nem adiantaria estudar a História nem caminharíamos.

O Novo Testamento é um juízo do Testamento Velho, feito pelo próprio Filho de Deus. Perder a terra, perder a língua, perder os costumes, é perder o chão da vida, deixar de ser. Deixar de ser aquele Povo e, geralmente, deixar de ser mesmo. Quem não respeita uma Cultura, quem age etnocentricamente, “escraviza”, sim. O Evangelho é Fé, não cultura. O Evangelho deve-se encarnar em todas as Culturas de todos os Tempos. Todas elas humanas, todas susceptíveis de um aperfeiçoamento superior: a Graça do Verbo, encarnado nelas.”

(Continua no próximo número.)

D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, MT.

(Lema da Campanha da Fraternidade/2002 : “Por uma terra sem males” e o tema: “Fraternidade e os Povos Indígenas”).



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3823-1060 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 25,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Luzia Brancatti Stephaneli, Piracicaba, SP; Andréia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V. Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

www.avemariainternet.com.br

Religião e política não se discutem

Este axioma popular ainda mantém retraída muita gente diante das questões relativas à religião e à política. Como se esses temas fossem tabus ou menos importantes que os outros ou que nada ou pouco tivessem a ver com a vida da sociedade.

Devemos entender a palavra: *discutir* enquanto diálogo que busca a verdade, o esclarecimento do conhecimento e não como imposição do pensamento pessoal. Debater temas de religião é útil porque nos ajudará a olhar e cuidar do mundo como Deus quer com sua lei e com seu amor criador. E, é claro, sem fanatismos, sem "pré juízos" e julgamentos, com solidariedade e esperança. Discutir temas de política também porque aprendemos a enxergar um horizonte maior e a ver os acontecimentos com suas causas e conseqüências, aprimorar nosso discernimento e compreender melhor o mundo, o homem e a história.

Nesse sentido, o momento atual pelo qual o Brasil está passando, as campanhas dos candidatos para as eleições, merece atenção especial. Estas, ocorrerão no dia 6 de outubro e irão eleger os deputados estaduais e federais, renovar dois terços do Senado e escolher governadores e presidente da República. Na verdade, são 115 milhões de brasileiros convocados a participar democraticamente sem coações e enganos. Por isso é importante discutir e depois votar com consciência.

Muitas propostas dos candidatos serão apresentadas. Quanto maior o conhecimento delas e sua discussão, melhor será a escolha e maiores as chances de progresso para a Nação. É indispensável uma avaliação crítica das propostas, seus autores, suas atitudes, sua história política e administrativa. Sem essa atenção, será difícil saber se o discurso do candidato é demagógico, eleitoreiro ou se de fato apresenta propostas confiáveis e realizáveis.

Certamente, todos os candidatos irão fazer promessas. Ao eleitor, antes de votar, resta a responsabilidade de interessar-se, de acreditar que isso é importante para que seu voto aponte o candidato mais preparado para prestar um serviço a toda a população brasileira, sem se esquecer dos mais necessitados. Quaisquer propostas de compra de voto ou promessa de benefícios pessoais em troca de voto devem ser desprezadas e, se possível, denunciadas junto ao Tribunal Eleitoral Regional, atendendo à Lei 9840/99.

O tema das eleições, neste número, é abordado em "Compra de Votos" (p.13) e "Responsabilidade Política" (p.15) de José Geraldo Vidigal de Carvalho. Também podemos entender melhor o mundo da política quando saibamos da influência da economia nesse campo. Frei Betto, em "Mcdonalização" (p.12) mostra essa interdependência. No artigo: "Exercícios espirituais de Santo Inácio" (p.8), João Batista Libânio aponta para Jesus Cristo como centro e referência de nossos valores e princípios. Em "Grande mentira" (p.10) de Cristovam Buarque, um alerta contra as grandes falsidades da politicagem eleitoreira.

Desde o tempo do Mestre, Jesus de Nazaré, a lição é válida: se reconhecemos nas reações dos ventos, das chuvas, das plantas, etc. (cf. Lc 21,29 ss), indícios de mudança, também saberemos como votar — observando os programas de governo — se quisermos mudanças para melhor.

PCG

Igreja na América



São Paulo, SP, 14/7. A Igreja da América Central caminha com entusiasmo em direção ao II Congresso Missionário Americano que será realizado de 20 a 30/11, na cidade de Guatemala com o tema: “Igreja na América, a Tua Vida é Missão”.

Eleições

Brasília, DF, 14/7. Em 10/7, foi lançado na sede da Ordem dos Advogados do Brasil — OAB — Conselho Federal, em Brasília, o Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral. Esse movimento foi criado pelas entidades e movimentos sociais que articularam, em 1998 e 1999, a Iniciativa Popular de Lei contra a corrupção eleitoral, que resultou na Lei 9.840/99. O lema da campanha contra corrupção eleitoral é “Voto não tem preço, tem consequências”. É um chamado da cidadania para lutar de novo contra a corrupção eleitoral pela ética na política.

Contra a ALCA

Caetité, BA, 10/7. Agentes da Diocese de Caetité, interior baiano, estão articulando comitês municipais da Área de Livre Comércio das Américas, Alca, nos municípios da localidade. A intenção é possibilitar trabalhos de estudo sobre o assunto e viabilizar a realização do Plebiscito da Alca, a ser realizado de 1.º a 7 de setembro, em todo o Brasil. As decisões foram tomadas durante o curso Fé e Política, realizado pela diocese em junho, quando foram debatidos os temas política, eleições 2002 e Alca.

De debaixo da ponte

Belo Horizonte, MG, 15/7. As famílias, ex-moradoras do Viaduto da Barragem da Pampulha, que participam do Projeto: “Se Esta Casa Fosse Minha”, da Prefeitura de BH, em parceria com o Regional Minas Gerais da Cáritas, tiveram representantes na Pré-Conferência Regional de Política Social Centro-Sul. Em 13/7, essas famílias debateram vários assuntos, entre eles: Políticas Públicas de Assistência Social, Saúde, Educação, Cultura, Abastecimento, Esportes e Direito da Cidadania. Para Ana Florêncio, assessora técnica do Programa de População de Rua do Re-

gional Minas Gerais, a mobilização das famílias para participar da Pré-Conferência “foi um fato a ser comemorado, pois demonstra que elas estão ocupando espaços políticos para lutar por seus direitos”.

Não à violência

Mendes, RJ, 15/7. De 11 a 14/7, cerca de 400 jovens, entre 16 e 25 anos, vindos de todas as regiões do País, participaram da 2.ª Jornada Eumênica-Década para Superar a Violência, em Mendes, RJ. O objetivo daquele encontro foi discutir o papel do movimento ecumênico diante da realidade brasileira e internacional, fortalecer os laços de solidariedade e cooperação entre todas as Igrejas e organizações ecumênicas e debater alternativas para superar a violência.

Fome e miséria

Brasília, DF, 23/7. Nos dias 22 e 23/7, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, em parceria com as Organizações da Sociedade Civil, articulada com o Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional, FBSAN, e as Pontifícias Obras Missionárias, POM, realizaram o 1.º Seminário do Mutirão Nacional de Superação da Miséria e da

Fome. O Seminário teve vários objetivos, entre eles: contribuir com a definição das bases de ação da sociedade e do governo, visando à superação da miséria e da fome; apresentar subsídios para a elaboração de estratégias e cronograma de trabalho na área de segurança alimentar; incentivar a mobilização em torno do Mutirão Nacional, e ainda, informar sobre o andamento do Mutirão Nacional e as conclusões da cúpula Mundial de Alimentação e Foro de Soberania Alimentar das ONG's.

No Seminário, foi elaborada uma declaração ou manifesto sobre soberania e segurança alimentar para os candidatos a cargos eletivos das próximas eleições.

Nos dias 24 e 25/7, no mesmo local, ocorreu ainda o Encontro Nacional do Foro Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional.

Pastoral da AL

São Paulo, SP, 15/7. De 5/8 a 28/9, o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular, CESEP, promoverá o Curso Latino-americano de Formação Pastoral 2002, que abordará o tema: “A cidade e seus desafios para as políticas públicas, os movimentos sociais e as igrejas”.

Destinado a leigos(as), religiosos(as), sacerdotes, pastores(as), com trabalhos



nos meios populares, o Curso Latino-americano de Formação Pastoral oferecerá aos participantes, provindos de vários países da América Latina e do Caribe, um momento de partilha das práticas sociais e pastorais; aprofundamento bíblico e teológico e estágio pastoral a diferentes iniciativas das igrejas e movimentos populares. O evento acontece no CESEP, em São Paulo, SP. Informações: (11) 3241-1169 ou cesep@cesep.org.br

África em foco



Brasília, DF, 15/7. De 29/8 a 1.º/9, a Pastoral Afro-brasileira participará do 11.º Congresso Afro-americano Católico dos Estados Unidos. O evento, que acontecerá em Chicago, reunirá cerca de 3 mil congressistas. Do nosso país, participará uma delegação de sete pessoas.

Pena de morte

Roma, Itália, 10/7. São 111 os países que, no mundo, aboliram a pena de

morte, mas outros 80 ainda a mantêm pelos mais diferentes motivos e utilizando várias formas de execução.

A confirmação foi feita num recente relatório da Anistia Internacional sobre a Pena de Morte, apesar do compromisso crescente de muitos setores da sociedade civil, associações, órgãos e também religiosos e religiosas dos EUA e de tantos países do mundo.

“Também se os números parecem indicar uma descida — comenta a irmã Helen Prejean, a religiosa, conhecida nos EUA por sua luta de vários anos contra a pena de morte — com países cada vez mais inclinados a abandonar a pena de morte, temos que intensificar os pedidos de moratória”.

Trata-se de uma estratégia gradual para chegar à abolição da pena capital. Essa idéia é partilhada por muitos grupos não-violentos também leigos e visa criar as condições para uma convivência cívica sem execuções capitais assim que, com o tempo, irá parecer normal às pessoas poder viver sem a pena de morte”.

Formação Pastoral

De 5 de agosto a 28 de setembro, curso Latino-americano de Formação Pastoral. O evento acontece no Cesep, em São Paulo, SP. Informações pelo telefone (11) 3241-1169.

A IGREJA NO MUNDO Notícias	4
PALAVRA DO PAPA Grupos étnicos e a mensagem de Cristo	6
CAMPANHA DA FRATERNIDADE Por uma terra sem males <i>Fraternidade e os povos indígenas</i>	7
FÉ E CIDADANIA Exercícios espirituais de Santo Inácio <i>J. B. Libânio</i>	8
Só para homens! <i>José Cristo Rey García</i>	9
Grande mentira <i>Cristovam Buarque</i>	10
Mcdonaldização <i>Frei Betto</i>	12
Compra de votos	13
Cabines separadas <i>Pe. Zezinho</i>	14
Responsabilidade política <i>José Geraldo Vidigal de Carvalho</i>	15
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR Senhora da Encarnação <i>Roque Vicente Beraldi</i>	16
O carisma e os santos <i>Elias Leite</i>	17
Paz por meio do turismo <i>Francisco Gomes de Matos</i>	18
Nomes próprios no Tupi <i>Elias Leite</i>	19
REFLEXÃO BÍBLICA Maria na Bíblia <i>Geraldo Araújo de Lima</i>	20
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ Bartolomeu e Rosa de Lima <i>Ronaldo Mazula</i>	21
HISTÓRIA DA IGREJA Século XXI, desafio para a Igreja (continuação) <i>Ronaldo Mazula</i>	23
MEU LAR Diálogos internos: com quem conversamos? (continuação) <i>Wimer Botura Jr.</i>	24
CULINÁRIA <i>Yvonne Barros Oliveira</i>	25
PARA REZAR BEM OS SALMOS Salmo 30 <i>José Fonzar</i>	26
LITURGIA DA PALAVRA De 29 de setembro a 20 de outubro de 2002 <i>Adelino Dias Coelho</i>	28
TURMA DA MAÍRA <i>Tina Glória</i>	33

Grupos étnicos e a mensagem de Cristo

Extraímos alguns trechos do discurso proferido, recentemente, por João Paulo II, no Vaticano, aos bispos do Equador, mas que vale também para nossa realidade:

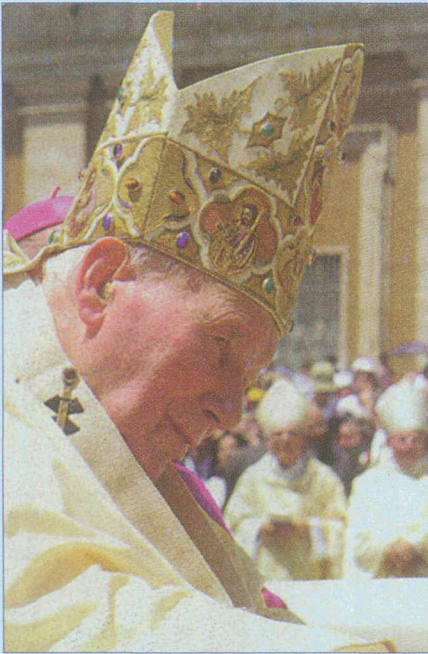


Foto: L'Osservatore Romano

"...A Igreja começa o novo milênio com a firme convicção de que Cristo há de ser proposto a todos com confiança, fiel ao mandamento do Senhor de fazer discípulos em todas as nações (cf. Mt 28,19). Esta exigência inclui também as crianças e os jovens, nas diversas fases da sua educação, onde o desenvolvimento integral da pessoa exige a dimensão transcendente e religiosa.

Por isso, a missão da Igreja neste campo coincide com o direito fundamental das famílias de educar os filhos de acordo com a própria fé. Os Pastores não podem permanecer im-

passíveis perante o fato de que uma parte das novas gerações, sobretudo as menos dotadas de meios econômicos, veja-se privada da abertura ao significado da vida e de uma formação religiosa que será fundamental para toda a sua existência.

É desejável que, com a colaboração sincera entre todos os que têm a responsabilidade neste campo, encontrem-se as fórmulas adequadas para que o direito à liberdade de educação se torne depressa realidade mais total e efetiva para todos. Além disso, é preciso propor a mensagem de Cristo com confiança aos diversos grupos culturais e étnicos.

Nesta tarefa apaixonante, são iluminadoras as palavras de São Paulo que, por um lado, fez-se tudo para todos, para salvar alguns e, por outro, insistiu para que, com a revelação definitiva de Deus em Cristo, não houvesse judeu nem grego, pois *todos vós sois um em Cristo* (1Cor 9,22; 1,23; e Gl 3,28).

De fato, a Igreja, firmemente radicada na fé em Cristo, único Salvador de todo o gênero humano, considera uma grande riqueza a multiplicidade das formas, provenientes de sensibilidades e tradições diversas, nas quais se pode exprimir a única mensagem evangélica e eclesial. Desta forma, põe-se em relevo o respeito devido a cada cultura e, ao mesmo tempo, sua capacidade de ser transformada e purificada para se tornar uma forma íntima na qual todas as pessoas ou grupos possam encontrar o único Deus, plena e definitivamente revelado em

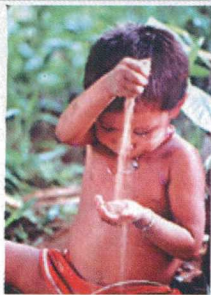
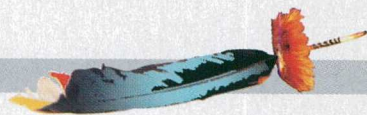
Cristo. Esta convergência fundamental na mesma fé fará as vezes de fermento, para que as diversas línguas e sensibilidades encontrem fórmulas de expressão religiosa e litúrgica que realcem a comunhão íntima com a Igreja universal e evitem atentamente que, nas comunidades cristãs, haja estranhos ou hóspedes, mas concidadãos dos santos e familiares de Deus.

De fato, uma atitude que consistisse em ocupar-se exclusivamente em manter intactas todas as componentes tradicionais de um grupo humano, não só comprometeria o anúncio autêntico da Boa Nova do Evangelho, que é também fermento nas diversas culturas e promotora de nova civilização, mas que, paradoxalmente, também iria favorecer o seu isolamento em relação às outras comunidades, e, sobretudo, em relação à grande família do Povo de Deus presente em todo o mundo...

...Estou consciente das numerosas preocupações que acompanham o vosso ministério pastoral, como a instabilidade de numerosas famílias, a desorientação em grande medida da juventude, a influência de mentalidades laicistas na sociedade, certa superficialidade na prática religiosa ou o ataque das seitas e dos grupos pseudo-religiosos. Além disso, viveis com os vossos fiéis, a ansiedade de uma situação social e econômica cheia de incertezas.

Perante todas estas realidades, que podem fazer pensar num horizonte obscuro para as vossas comunidades cristãs, desejo encorajar-vos a não desanimar e convido-vos a ter o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora... Também hoje devemos escutar as palavras que Jesus dirigiu aos seus discípulos amedrontados: *Referi-vos essas coisas para que tenhais a paz em mim. No mundo haveis de ter aflições. Coragem! Eu venci o mundo*" (Jo 16,33).

João Paulo II



Por uma terra sem males

Fraternidade e os povos Indígenas

Prosseguimos publicando a 1ª parte (VER) do Texto-base CF' 2002, iniciada na edição de 02/02:

Realidade dos povos indígenas no Brasil

Atualmente, sabe-se da existência de povos indígenas com suas respectivas terras tradicionais, demarcadas ou não, vivendo em 24 unidades da Federação. Estima-se que a população indígena total seja de 550.438 pessoas, pertencentes a 225 povos, falando cerca de 180 línguas diferentes. Dessa população, cerca de 358.310 vivem em seus territórios, outros 191.228 migraram para centros urbanos e há uma estimativa de 900 índios que são pertencentes a povos não contactados.

O significativo aumento da população indígena, comparado a dados da década de 70, deve-se especialmente a três fatores: ao crescimento real da população de muitas aldeias, ao fato de muitas comunidades terem voltado a revelar a identidade cultural, antes ocultada, e à atualização dos dados do Censo oficial, em 1999, considerando também os índios que vivem nos centros urbanos.

Existem dois segmentos da população indígena para os quais há ausência total de política de atendimento por parte do governo: são os índios que vivem nas cidades e os povos considerados "ressurgidos ou emergentes".

As famílias indígenas que vivem em

centros urbanos, em sua grande maioria, foram forçadas a migrar. Elas geralmente não deixam suas terras por opção, mas para tentar encontrar melhores condições de vida. Suas histórias são marcadas pela violência, fogem das ameaças constantes, da escassez intensa ou do preconceito. A migração não ocorre apenas em direção às cida-

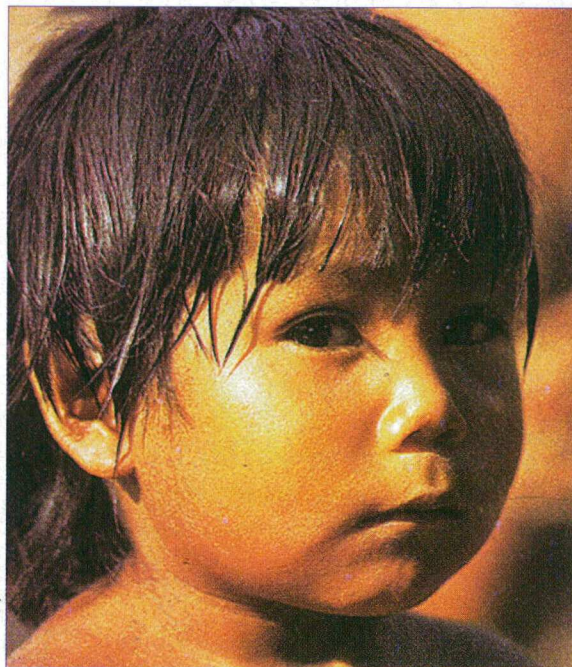


Foto: Arquivo

des. Em várias regiões, encontram-se grupos familiares dispersos, que nas migrações vão se afastando, tanto de suas terras tradicionais quanto de outros membros de seu povo. Podemos citar o exemplo do povo Atikum, cujo embora território tradicional se localize na região nordeste, no Estado de Pernambuco, encontra-se hoje distribuído entre os Estados do Pará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Bahia.

Outro segmento da população in-

dígena desassistido pelo governo brasileiro são os povos ressurgidos. São povos que foram forçados a manter no anonimato as suas identidades étnicas e culturais durante anos e até séculos, em consequência de violentos processos de perseguição e de discriminação. A conjuntura dos últimos anos tem possibilitado que esses povos reassumam

suas identidades e reivindiquem a devolução de seus territórios tradicionais, cabendo ao Estado brasileiro demarcá-los, conforme determina a Constituição. Nos encontros, assembleias e momentos coletivos, os povos indígenas têm alertado para a necessidade de se assegurar aos índios que vivem nas cidades e aos povos ressurgidos os mesmos direitos consagrados na Constituição.

Muitas faces da violência

Relato de Ruiz de Montoya, missionário jesuíta em 1639, sobre as barbaridades cometidas pelos paulistas à redução jesuítica de Sant'Ana, no Paraguai:

Achamos aqui assados vivos a homens racionais: crianças, mulheres e varões. É costume comum desses homicidas (os paulistas) que quando vão embora apressados queimem os enfermos, os velhos e os impedidos de caminhar. (Continua)



Exercícios espirituais de Santo Inácio

J. B. Libânio

A seca espiritual de uma sociedade materialista provoca crescente sede de experiências religiosas. As pessoas peregrinam pelo circuito das águas de religiões buscando alguma fonte para desalterar-lhes a sede. As ofertas são múltiplas desde aquelas vindas do longínquo Oriente até as brotadas em nosso solo. Pertence a esse momento de pós-modernidade o desejo das experiências religiosas. Saboreiam-se os produtos e selecionam-se aqueles de gosto agradável.

As regras do mercado invadiram também esse setor da vida humana. E este funciona na base da demanda e da oferta. Quando a demanda escasseia, a oferta busca os meios mais sofisticados para despertá-la e assim fazer passar seu produto. E no momento a demanda parece alta, então, as ofertas multiplicam-se.

As experiências espirituais entram nessa farândola de propostas com objetivos diversos. Um revelam-se ricas nas proteínas da emoção de rápida digestão. Ao saciar, provocam mais

sede. O momento seguinte precisa ser mais intenso de preferência no meio a grupos e multidões. Enchem-se estádios. Vibra-se até a exaustão física e emocional. Volta-se para casa aliviado por pouco tempo até que nova onda de desejos aflore. Entra-se na roda inexorável do desejo-satisfação-desejo. O ser humano é absolutamente insaciável em suas buscas de símbolo, de gozo, de prazer, de satisfação. Vê aí sua felicidade.

Há as experiências do silêncio e contemplação. Outro departamento. Buscam-se lugares retirados, bonitos, em que a alma descansa na tranqüilidade serena de uma natureza pacífica. Os orientais são mestres. A meditação não se encareira para nenhum objeto e muito menos para objetivos prático-existenciais. Vale por ela mesma. Repousa sobre si. Apóia-se na sua gratuidade sem necessariamente referir-se a um Mistério pessoal, em diálogo.

Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio transitam por outro caminho. Distancia-se da via das emoções de massa. É pessoal. Pede retiro e solidão. Participa do desejo do silêncio. Escolhe também com frequência lugares calmos em que a natureza facilita a elevação da mente. Difere, porém, do puro repouso espiritual. A expressão "Exercícios" denota já outra disposição interior. Vai-se para uma academia espiritual a fim de



Foto: Arquivo

Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio transitam por outro caminho. Distancia-se da via das emoções de massa. É pessoal. Pede retiro e solidão. Participa do desejo do silêncio. Escolhe também com frequência lugares calmos em que a natureza facilita a elevação da mente. Difere, porém, do puro repouso espiritual.

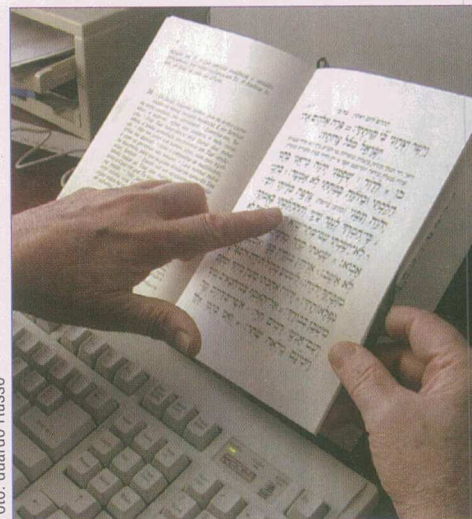



Foto: diário Russo

dispor o espírito para ação de Deus. É um jogo de difícil equilíbrio entre um esforço humano exaustivo e uma acolhida serena das moções gratuitas de Deus.

Na origem, está a experiência de conversão de Santo Inácio que com extrema lucidez tematizou o processo de seu caminho de uma vida mundana até a entrega radical a Deus. E organizou pedagogicamente tal itinerário de maneira a iluminar outros que o perfazem.

Inicia-se com a reflexão. Mais intelectual. Giram-se dias em torno de verdades fundamentais da nossa existência. De onde viemos, onde estamos, para onde vamos. Viemos do gesto criador. Estamos num mundo criado para que possamos encontrar e viver de Deus. Esta é a ordem. A desordem da nossa vida choca-se com esse projeto de Deus. Entra-se no universo das meditações. Exercícios que têm suas regras e disciplina. Caminha-se lentamente depois pela via da contemplação dos mistérios da vida de Jesus até chegar aos píncaros de uma experiência mística de comunhão de unidade com a Trindade. Nesse itinerário, a nossa vida concreta é confrontada à busca de novos rumos, orientada por uma decisão fundamental pedida e desejada. Obra da graça. Os Exercícios dispõem a pessoa. Realizam o que Santo Tomás, de maneira sucinta, ensinou: a graça supõe e aperfeiçoa a natureza. Inácio pensa assim. Trabalha a natureza com seu método para que a graça aí possa expandir-se. O nosso trabalho interior é sempre acompanhado com insistente pedido da graça na qual se deposita toda confiança. 

J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

Só para homens!

José Cristo Rey García

Estará o homem em crise? Seremos nós, os homens — dentro da cultura ocidental — escravos? Será necessária uma libertação do homem? De que espécie? Será verdade que os homens adultos são hoje pessoas bastante tristes, propensas à depressão? Haverá uma forte perda de energia nos valores masculinos?

É provável que a maioria dos ho-

ternalisticamente! — com que não falte uma referência à mulher, mas nunca pensamos que seja necessário fazê-lo aos homens.

Proponho que se peça às nossas irmãs na fé, às mulheres cristãs, que elaborem um texto sobre nós os homens, como nos vêem, o que nos aconselham. Nossa auto-suficiência nos levará, talvez, a nos compadecer delas e a crer,

que nisto, como em tantas outras coisas, somos superiores. Mas não há pior cegueira que a daquele que crê que vê, estando cego.

Atrevo-me a insinuar, com toda a modéstia, que o problema que temos, os homens, é de espiritualidade. O espírito é aquela força que liberta todas as nossas potencialidades e as integra e correlaciona. Em nós, como homens, há uma potencialidade masculina e uma feminina. Se só se desenvolve uma delas, cria-se em nós um forte desequilíbrio. Não se trata de



Foto: Eduardo Russo

mens respondamos a estas perguntas com um auto-suficiente: por que, agora, estas perguntas? Parece-nos óbvio dirigir semelhantes perguntas às mulheres, mas não a nós que temos as coisas muito claras!

Além do mais, o mundo eclesiástico é especialmente auto-suficiente neste sentido. Quando falamos ou elaboramos uma reflexão ou um documento, sempre nos preocupamos — pa-

que a dimensão masculina domine sobre a dimensão feminina que também há em nós. Não se trata de reprimir nada, ou submeter nada, senão potencializá-las melhor e energizá-las mutuamente. Somos andróginos (ou seja, apresentamos características imprecisas, entre masculino e feminino) no melhor sentido da palavra. A autêntica androgenia consiste na arte e no poder de integrar na espiritualidade

total de nossa pessoa, as energias masculinas e femininas, recebidas de forma criadora. A questão é: como fazer isso? O que se deve fazer?

Alguém tem que nos ensinar a descobrir nossa dimensão feminina e a desenvolvê-la, para depois energizar com ela nossa masculinidade. Como caminhar até o feminino que há em nós? Talvez, através do feminino da realidade. Para conseguir nossa dimensão feminina e cultivá-la, é necessário que, de algum modo, entremos no mundo do feminino e aprendamos a falar sua linguagem e suas maneiras. Não se trata de "afeminação", tão freqüente, às vezes, nos homens, senão de descobrimento e integração do íntimo feminino.

Necessitamos de mestres na arte do caminho espiritual masculino. O maior profeta não é aquele que ensina aos escravos o caminho da liberdade, como Moisés; mas aquele que mostra aos que se crêem livres, que são escravos e lhes mostra a autêntica liberdade. Os homens estamos oprimidos porque fomos educados a oprimir os demais, àqueles que julgamos ter uma situação inferior a nós. Oprimimos as minorias raciais, os homossexuais, os pobres, as mulheres. Psicologicamente, necessitamos fazê-lo para ter um certo sentimento de superioridade, na ausência de uma autêntica realização pessoal.

A libertação do homem é muito mais difícil que a libertação da mulher. As mulheres reconhecem que foram oprimidas. O homem não reconhece sua opressão. Necessitamos de salvação neste mundo, nesta sociedade, nesta Igreja, tão machistas e tão falsos em suas promessas.

José Cristo Rey García é missionário claretiano, em Madrid, Espanha.

Grande mentira

Cristovam Buarque

**Quanto maior a mentira, mais provável é que acreditem nela.
(Goebbels, o homem da propaganda do nazismo que levou Hitler ao poder).**

Fotos: diuado Russo

Em nome do desenvolvimento, os dirigentes brasileiros fizeram o povo produzir para os ricos com a promessa de que um dia todos teriam acesso ao produto desse trabalho.

Durante cinquenta anos, os pobres foram convidados a fabricar automóveis em nome de um desenvolvimento que prometia emprego, salário e, um dia, um carro também.

Foram chamados a construir casas para ricos, com a perspectiva de que teriam suas casas; a construir universidades, com a promessa de que seus filhos estudariam nelas; a fazer hotéis, construir aeroportos, imaginando que o salário lhes permitiria um dia também viajar.

Com a mentira do desenvolvimento, os dirigentes atraíram trabalhadores e justificaram o uso dos recursos públicos para financiar produtos que beneficiavam os ricos. Subsidiaram, financiaram e incentivaram a produção para os ricos, enganando o povo com a falsa promessa de que esse era o caminho que beneficiaria todos os brasileiros.

Enquanto os pobres produziam para os ricos e o Estado concentrava seus recursos na infraestrutura econômica, nossos trabalhadores recebiam mínimos salários, suas casas não eram construídas, suas ruas ficavam sem água encanada, sem esgotos, sem coleta de lixo, sem asfalto; suas crianças ficavam sem escolas ou com escolas

sem qualidade; às famílias era dado um sistema público de saúde vergonhoso.

A grande mentira do Brasil foi prometer que a riqueza erradicaria a pobreza. A pobreza só se erradica produzindo-se diretamente aquilo que, existindo, elimina o estado de pobreza: escola de qualidade para todos; um sistema de saúde competente que atenda a todas as famílias; meios de transporte público eficientes; casas com água, esgoto, coleta de lixo, ruas com asfalto. Cada um podendo comprar a comida de que necessita.

A economia brasileira cresceu, aumentou riqueza, atendeu à demanda dos ricos e não às necessidades dos pobres. No lugar de atender a essas necessidades da população, os governos brasileiros se sucederam mantendo a ilusão de que muitos pobres produzindo para poucos ricos construiriam uma sociedade de abundância.

Como no tempo dos faraós

Esse Estado existia para auxiliar nessa produção, atendendo à luxuosa demanda dos ricos, dando em troca salários ínfimos para os pobres. Mais ou menos como faziam os faraós – mudando da construção de túmulos para a produção de bens de consumo, e da distribuição de comida para o pagamento de salários de fome.

Já nos anos 60, essa mentira começou a ser desmascarada. Surgiram os movimentos por uma reorientação do modelo de desenvolvimento. Para continuar a mentira do desenvolvimento, a ditadura foi instaurada, com a mentira de que defendia a democracia. Quinze anos depois da redemocratização, a verdade ainda não reapareceu.

A maior vitória da ditadura foi fazer-se desnecessária, porque todos passaram a acreditar na mentira que exigiu sua imposição à sociedade. Com a globalização, a mentira se amplia. De-

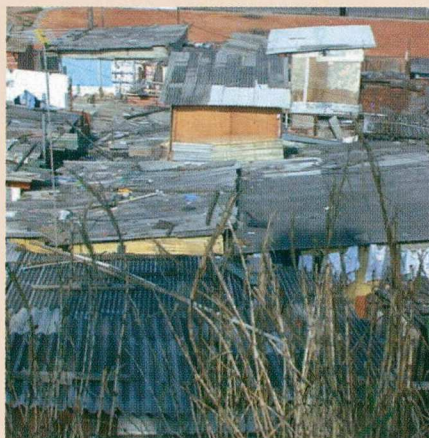
fende-se que a importação de bens e serviços, a robotização da indústria e o capital especulativo desenvolvem o país e erradicarão a pobreza no Brasil. E o povo continua sem seus serviços essenciais, sem salário digno e, agora, sem ao menos a esperança de emprego.

No lugar do emprego, implantam-se frentes de trabalho. Mais uma vez, tentam enganar o povo: em troca de um salário-mínimo, milhares de mães trançam seus filhos pequenos em casa. Reproduzem neles a pobreza em que vivem, para que os ricos tenham os meios-fios de suas calçadas pintados de branco. Como estratégia para erradicar a pobreza, produz-se estética para os ricos e deseducação nos filhos dos pobres.

A grande mentira, de tanto dita e repetida, penetrou na imaginação da população. O povo acredita que aumentando a produção de bens para atender à demanda dos ricos, os pobres terão suas necessidades atendidas e penetrarão no mundo da abundância. Não apenas deixarão de ser pobres. Serão todos ricos. Está impregnada no imaginário brasileiro a idéia de que a riqueza é o contrário da pobreza, de que sua erradicação ocorrerá fazendo pobres produzirem para os ricos em troca de salários que serviriam como escada social...

Erradicação da pobreza

A erradicação da pobreza será alcançada somente quando o Estado bra-



sileiro sair do paternalismo em favor dos ricos e se transformar no mobilizador do imenso potencial que existe nas massas populares brasileiras, direcionando-as a produzir o que elas mesmas precisam para sair da pobreza. Há experiências que mostram o êxito de programas orientados para esta causa.

No Distrito Federal, até 1998, pagava-se aos adultos analfabetos desempregados e pobres para que aprendessem a ler. Comprava-se a primeira carta que cada um deles conseguisse escrever, depois de um curso de alfabetização. Pagava-se às mães pobres desempregadas para que agissem como fiscais da frequência de seus filhos às aulas.

No lugar das frentes de trabalho, seria mais eficiente pagar às mães pobres para atender às necessidades do desenvolvimento de seus filhos. Outros programas podem fazer esse milagre: transformar pobres ociosos, pelo desemprego, em agentes de sua própria saída da pobreza. Isso custará menos do que é gasto atualmente com os subsídios dados à produção para os ricos.

O mais difícil é convencer que o fim da pobreza não está no início da riqueza. Em um processo eleitoral, o candidato que promete mais riqueza tem mais votos do que o que mostra como é possível erradicar a pobreza. O voto daquele que hoje não consegue nem pagar um ônibus é dado mais facilmente a quem promete, demagogicamente, um carro para cada brasileiro do que ao candidato que promete, com seriedade, melhoria no transporte público.

Quem promete universidade para todos tem mais votos do que aquele que promete levar todas as crianças brasileiras até o fim do Segundo Grau.

A tragédia maior do Brasil é que todos nós passamos a acreditar na grande mentira.



Cristovam Buarque é ex-governador do Distrito Federal, Brasil, professor da UNB e autor do livro "A segunda abolição".



Mcdonaldização

Frei Betto

Não é a economia que se mundializa, é o mundo que se economiciza, convertendo todos os valores, materiais e simbólicos, ao preço de mercado. Tal fenômeno submete a cultura e a política à lei da oferta e da procura.

A globalização funciona como uma lente de aumento que permite à população mundial, não apenas enxergar as implicações internacionais dos problemas locais, mas também seus efeitos colaterais em nossas vidas.

Para muitos, a globalização, entendida como mundialização do mercado, é um avanço, cujos efeitos negativos podem ser corrigidos. Para outros, representa, de fato, a ocidentalização do mundo, com o objetivo de atender aos interesses do Capitalismo em sua fase mais avançada: a da transnacionalidade dos oligopólios empresariais.

Concordo com aqueles que consideram que o atual modelo de globalização não passa de um clichê demagógico de quem busca impor ao planeta um pensamento único — o de uma parcela privilegiada do hemisfério norte, onde 20% da população mundial consomem 80% da produção industrial do planeta — com caráter de universalidade incontestável.

Não é a economia que se mundializa, é o mundo que se economiciza, convertendo todos os valores, materiais e simbólicos, ao preço de mercado. Tal fenômeno submete a cultura e a política à lei da oferta e da procura. Como a teoria econômica não fixa nenhum limite ao império do mercado, tudo que



Foto: Arquivo

Como a teoria econômica não fixa nenhum limite ao império do mercado, tudo que é objeto do desejo humano é reduzido às relações de troca, segundo as regras do sistema: um dos parceiros leva mais vantagem do que o outro.

é objeto do desejo humano é reduzido às relações de troca, segundo as regras do sistema: um dos parceiros leva mais vantagem do que o outro.

No plano político, a Itália exibe um exemplo óbvio, com a eleição de Berlusconi. A agenda política dos países passa a ser ditada, cada vez mais, pelos interesses das transnacionais e, cada vez menos, pelas reais necessidades nacionais. A política abandona progressivamente sua função de administrar o processo econômico e social interno, para gerir estratégias econômicas impostas aos países de fora para dentro.

No plano cultural, a criatividade tende a abandonar as ousadias do espírito humano para adequar-se à fôrma do mero entretenimento, como os enlatados que entopem nossos canais de TV.

Toda a comunicação de massa torna-se mero apêndice publicitário, voltada mais a formar consumidores que cidadãos. A Internet, embora represente uma revolução estrutural apresentada como um veículo de informação global, é um produto cujos conteúdos e tecnologia são monopólios ocidentais.

Depara-se, hoje, com um grande paradoxo: quanto mais se fala de liberdade de informação, mais os meios são enfeixados em mãos dos grandes atores econômicos, que impõem a todos os habitantes do planeta um mesmo modo de pensar e de viver, tudo em função desta soberana senhora: a mercadoria. É a mcdonaldização do mundo, reduzido também a um só paladar.

Frei Betto é escritor, autor, em parceria com Emir Sader, de "Contraversões - civilização ou barbárie na virada do século" (Boitempo), entre outros livros.

Compra de votos

A partir da edição passada, divulgamos os principais tópicos do documento elaborado pela Comissão Brasileira Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em parceria com a Procuradoria Regional Eleitoral do Distrito Federal: *Lei 9840.99, Passo a Passo*, visando esclarecer ainda mais os eleitores sobre a importância das eleições de 6 de outubro próximo.

Artigo 1º da Lei nº 9840/99

Assim define a chamada "corrupção eleitoral": Artigo 41-A — Ressalvado o disposto no artigo 26 e seus incisos, constitui captação de sufrágio, vedada por esta lei, o candidato doar, oferecer, prometer, ou entregar, ao eleitor, com o fim de obter-lhe o voto, bem ou vantagem pessoal de qualquer natureza, inclusive emprego ou função pública, desde o registro da candidatura até o dia da eleição, inclusive, sob pena de multa de 1.000 a 50.000 UFIRs, e cassação do registro ou do diploma, observado o procedimento previsto no art. 22 da Lei Complementar nº 64/90.

As propostas de compra de voto são as mais variadas possíveis. Seu voto recebe preços que variam de um simples óculos a casas, lotes de terreno; de próteses a carros. Até caixão de defunto compra voto.



Ilustração Mirella

exatamente as condutas que caracterizam essa prática, tão comum em época de campanhas eleitorais, principalmente em localidades mais carentes onde o candidato, aproveitando-se das necessidades locais, oferece aos cidadãos do lugar préstimos de toda sorte, sujeitando-os, porém, à certeza de que os votos lhe serão conferidos nas urnas.

Doar, oferecer, prometer ou entregar são as condutas vedadas na lei e as hipóteses se efetivam nas mais variadas formas.

Em troca do voto, alguns candidatos extrapolam os limites da lei, conduzindo suas campanhas pelo caminho da oferta fácil. Doar, oferecer, prometer ou entregar ao eleitor bem ou vantagem pessoal de qualquer natureza pode ser exemplificado pela prática dos seguintes atos, já identificados e punidos pelos Tribunais Eleitorais: cestas básicas, ajuda para liberação de documentos, material de construção, cirurgias, pagamento de transporte ou viagens, lotes, utensílios domésticos, tratamentos odontológicos etc.

A lei, entretanto, deixou consignado que a oferta deve visar a obtenção de voto; razão de ser da frase inserida no art. 41-A "com o fim de obter-lhe o voto". A jurisprudência já tem entendido que a conduta há de ser configurada apenas e tão-somente nas hipóteses em que restar provado que a promessa se deu com pedido explícito de voto, vinculando-se, portanto, à sua contrapartida, ou seja, "com o fim de obter-lhe o voto". Entende o Tribunal Superior Eleitoral que a configuração do crime de corrupção eleitoral exige a abordagem direta ao eleitor, com o objetivo de dele obter a promessa de que o voto será dado àquele que lhe faz a oferta. Para tanto, é preciso provar que o candidato assim agiu com a intenção específica mencionada.

Essa prova quase nunca se efetiva. É "diabólica", como afirmam os doutrinadores. É que, cientes das armadilhas da lei, os candidatos contestam a acusação com o argumento de que apenas exerceram ato de mera deliberação ou generosidade ou, então, simplesmente negam a autoria do ato. O crime, na maioria dos casos, resta

Por captação de sufrágio vedada pela lei, portanto, entende-se o ato praticado pelo candidato que, com vistas à obtenção de votos, oferece bens ou vantagens de qualquer natureza ao eleitor.

O dispositivo da nova lei define

desconfigurado, pois parece-nos muito difícil provar que o candidato tinha a "intenção" de captar o voto do eleitor mediante a oferta de vantagens.

Por certo que o bom senso nos leva ao caminho da configuração do delito quando nos deparamos com inúmeras condutas desse tipo em época de campanha eleitoral. Cabe ao juiz decidir a causa com cautela para observar as condições em que o ato se efetivou, partindo, assim, da presunção de que promessas, doações, ofertas ou oferecimento de vantagens aos eleitores, em períodos de plena campanha eleitoral, outra finalidade não têm que não seja a conquista direta ou indireta do voto.

Ademais, é curioso notar que muitos candidatos, já ocupantes de um cargo político e concorrentes, pois, à reeleição, passam a atender às inúmeras necessidades da sociedade às vésperas do ano eleitoral ou mesmo quando já em plena campanha, alardeando o fato de que estão a exercer conduta típica de agente político. Não teriam antes aproximadamente três anos para a realização desses mesmos atos que reclamam serem meramente administrativos? E por que então só perto das eleições começam a demonstrar a sua "preocupação" com as necessidades mais urgentes do povo?

Eis, portanto, o cuidado de analisar os fatos em face das circunstâncias especiais que envolvem o período eleitoral, valendo-se o julgador da presunção de que nos períodos de campanha eleitoral essas condutas se concretizam com vistas unicamente à obtenção de votos, salvo prova em contrário. Esperam-se, assim, construções jurisprudenciais mais próximas da realidade. 🌈

Cabines separadas

Pe. Zezinho

Quando vi aquelas 38 cabines telefônicas ocupadas por gente que falava com alguém lá longe, mas nenhum falava com o outro, pus-me a pensar nas religiões do mundo; sobretudo nas religiões não ecumênicas. Agem todas do mesmo jeito.

Da sua cabina pessoal e das suas pequenas Igrejas, falam diretamente com Deus e quando os irmãos os chamam para uma conversa, como por exemplo, numa semana de diálogo inter-religioso ou numa semana de orações pela unidade, negam-se a participar.

Recentemente, uma diocese católica, do Estado de São Paulo, passou por esta experiência. Depois de consultar 23 reverendos das mais diversas Igrejas, conseguiu a adesão de apenas 2. Os outros não quiseram rezar juntos, porque a iniciativa era da Igreja Católica. Disseram que não iriam, porque a iniciativa era um truque da Igreja Católica para arrebatar adeptos, ou reconquistar terreno. Não viam sinceridade na proposta do bispo. Não compareceram. A Igreja Católica tem sua culpa. Alguns grupos evangélicos também. Sobre tudo os padres e pastores. Enquanto nós, padres e pastores, não formos realmente amigos uns dos outros, não sentarmos para dialogar sobre nossa fé em Jesus e nos caminhos que podemos trilhar juntos, os fiéis se desentenderão seguindo o nosso mau exemplo.

O problema das Igrejas não são os fiéis, são pastores e padres que não conseguem nem sequer tomar um café juntos e numa semana de oração, não conseguem sentar-se à mesma mesa e

diante do mesmo altar, porque quem convocou é de uma outra Igreja. O episódio é triste, doloroso até. Mostra o quanto precisamos caminhar em termos de religião. O que eu sei é que padres e pastores que não dialogam sobre sua fé e sobre Deus, não sabem

Quem não aceita dialogar, gosta muito da sua Igreja e muito pouco do seu Deus.



Foto: diuardo Russo

quase nada sobre os dois assuntos.

Fé sem diálogo é mentirosa. Quem não aceita dialogar, gosta muito da sua Igreja e muito pouco do seu Deus. Pode citar a Bíblia quantas vezes quiser, mas estará citando errado, nega-se a orar junto com o irmão de outra Igreja. A isso chegamos: cabines telefônicas, onde todo mundo fala com Deus e ninguém conversa um com o outro. 🌈

Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.

Quem não faz política, faz passivamente a política do poder constituído.

Emmanuel Mounier

Responsabilidade política

José Geraldo Vidigal de Carvalho

Notável e oportuna uma sentença do cardeal d. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta: "Fiéis cristãos devem votar em cristãos fiéis" Nada mais oportuno do que este lembrete daquele que foi uma das figuras mais carismáticas da História do Brasil. De fato, quantos cristãos colocam à testa dos governos pessoas inteiramente descrentes ou crenças apenas de nome, que vivem contrariando as máximas evangélicas!

O Brasil só encontrará o rumo certo se estiver impregnado pela doutrina que, um dia, o Filho de Deus, Caminho, Verdade e Vida, deixou como única senda da autêntica justiça social. Saiba todo eleitor que para conhecer o que é política não é suficiente fazer uma exposição circunstanciada sobre ela, ainda que recheada de termos pomposos, mas vazios e que não denotem um conteúdo programático.

Política inclui Ética, Antropologia, Ontologia e, principalmente, o que vai sendo muito esquecido, a Teologia. O verdadeiro político deve ser um ministro de Deus para o bem público e, como ele, torna-se como que onipresente, especialmente hoje, por força dos meios de comunicação social. Ou é um *expert* nas Ciências Sociais, mormente na prática, ou então fica irremediavelmente comprometida a felicidade comum. Apenas assim, o político dá sentido profundo a uma ordem objetiva através da qual a sociedade pode atingir seus fins principais. O Vaticano II, na *Gaudium et Spes* (26), lembrou: "O príncipio, o

sujeito e o fim de todas as instituições sociais (e políticas) é e deve ser a pessoa humana, a qual, pela sua própria natureza, tem necessidade absoluta da vida social". Eis por que o ser racional só pode atingir a maturidade de suas potencialidades se as estruturas forem

A todo cidadão é preciso que se garanta o mínimo necessário à sua subsistência e de sua família, inclusive meios para que possa ter o necessário lazer. Aristóteles ensinou que ninguém é plenamente homem enquanto não tiver recursos suficientes para um viver digno.

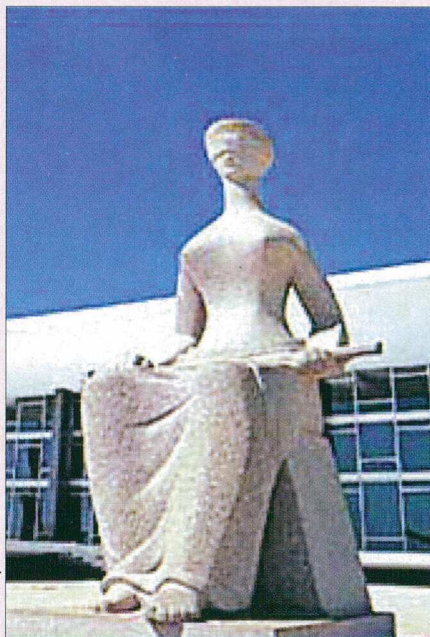


Foto: Arquivo

humanas e é neste aspecto sobretudo que o político entra impedindo que sejam massacrados direitos inalienáveis.

A todo cidadão é preciso que se garanta o mínimo necessário à sua subsistência e à de sua família, inclusive meios para que possa ter o necessário lazer. Aristóteles ensinou que ninguém é plenamente homem enquanto não tiver recursos suficientes para um viver digno. O político verdadeiro ajuda então o cidadão a se construir homem enquanto tal. Isto significa que não se pode excluir uma parte da sociedade, marginalizando-a dos benefícios que a todos devem chegar sem exceção, não em migalhas, mas num global respeito à dignidade do ser pensante.

Nada mais indesejável do que a caridade política, mediante certos gestos misericordiosos, louváveis em si, mas que outra coisa não deveriam ser do que o simples cumprimento do dever do governante. Quanta pompa quando se lançam certos programas sociais que se multiplicam em tempo de eleição! Tornam-se uma espécie de caridade política, quando o que deveria prevalecer é a justiça estrutural, de tal forma que ninguém ficasse à mercê de benevolências e esmolas, frutos da comiseração do político que quer atrair simpatia para si e seu partido.

A primeira exigência da caridade é respeitar os direitos elementares do cidadão. Quando, num país, aquele que governa oferece condições de trabalho, ótima assistência sanitária,

(continua na página 16) >>>>

Senhora da Encarnação

Roque Vicente Beraldi

No mês de maio de 1998, a revista *Ave Maria* recordou a devoção popular que enaltece o título de Nossa Senhora da Anunciação. Hoje, deparamos com outro nome para cantar o mesmo tema, o início de nossa redenção. Nunca será demais elevar hinos de ação de graças a Deus, pelo imenso dom com que o Criador nos presenteou.

O anjo Gabriel apareceu a Maria e lhe transmitiu a revelação divina. Era a escolhida para ser mãe do Messias, esperado há tantos séculos! Depois da saudação: *Ave cheia de graça, o Senhor é contigo e da mensagem conceberás e darás à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus. Será grande e chamar-se-á filho do Altíssimo, o Senhor lhe dará o trono de seu pai, Davi; e reinará eternamente...* Maria respondeu: *Faça-se em mim segundo a vossa palavra.*

Foi o início do cumprimento das profecias que anunciavam a redenção humana. Jesus recebia um corpo no seio de Maria! A espera da vinda do Filho de Deus remonta, pois, aos primórdios do Éden. O plano divino teve em vista a salvação que Jesus, levado unicamente pelo amor, propôs-se realizar, libertando Adão e Eva e os descendentes, da condenação provocada pela desobediência no Paraíso

terrestre (cf. Gn, 3). É onde se encontra o gérmen da promessa denominada messiânica, pela qual a segunda Pessoa da Santíssima Trindade assumiria a natureza humana para desagrar a Deus, porque, de outra forma, seria impossível. Ninguém jamais poderia satisfazer plenamente a eterna majestade ofendida.

Este, no Renascentismo, foi um tema muito apreciado pelos pintores que de diferentes formas perpetuaram esse



Anunciação, acrílico sobre tela de Gigino Falconi

momento insigne da redenção humana. Todo o mundo se alegrou e as almas jubilosas externando sua gratidão ergueram aqui e acolá, templos comemorativos da Encarnação do Senhor.

No Brasil, no tempo do colonialismo, apareceram pinturas e, dada a devoção popular e pelas graças alcançadas, foi necessário construir templos sobretudo na Bahia. Em Minas Gerais, na cidade de Guiricema, existe ainda hoje um templo dedicado a Nossa Senhora da Encarnação.

Fala-se, também, que os carpinteiros de móveis, entalhadores e coronheiros tinham-na como padroeira.

Em Portugal, existe bastante devoção a Nossa Senhora da Encarnação. Há templos a ela dedicados, sobressaindo o de Leiria. Certamente, em recompensa desse carinho filial, em 1917, Nossa Senhora apareceu na cova da Iria, a três crianças: Jacinta de 7 anos, Marco de 9 anos, e Lúcia dos Santos, de 10 anos (que ainda vive).

Oração

(litúrgica do dia de Natal)

**Ó Deus, que pela virgindade
fecunda de Maria, destes à
humanidade a salvação eterna,
dai-nos contar sempre com
a sua intercessão, pois, ela nos
trouxo o autor da vida.
Por Cristo, nosso Senhor,
Amém.**

Pe. Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.

>>>> (continuação da página 15)
oportunidades amplas de educação, habitação condigna a seres humanos, ele não fez mais do que cumprir o seu dever. Se isto não acontece, é sinal de que houve incompetência, inabilidade. O poder deve estar sempre a serviço do bem comum público, ou seja, como bem

explicitou González Vila (filósofo contemporâneo, nascido em 1939), do "conjunto de condições de naturezas diversas que permita a todos os seus integrantes (pessoas, grupos de pessoas) alcançar sua própria perfeição, cada qual mais plena e facilmente".

É por tudo isto que todos os cida-

dãos devem se interessar pelos problemas políticos, mesmo porque, como alertou Emmanuel Mounier (filósofo francês, falecido há 50 anos), "quem não faz política faz passivamente a política do poder constituído".

Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho é professor no Seminário de Mariana - MG.

O carisma e os santos

Elias Leite

Os carismas são imponderáveis. Os santos, não. São pesados e medidos pelos conceitos de santidade. O carisma é Graça. É dom do Espírito. A santidade é vida com resposta ao carisma recebido.

Não se canonizam carismas. Mas, o santo que viveu a Graça.

Há porém, os que vivendo a Graça, receberam o carisma de revelar os santos. E aqui dou de frente a uma figura singular da nossa época, carismático. Canonizador, revelador da santidade nos santos. É o Papa João Paulo II. João de Deus e Paulo dos Santos do Mundo. E, se não foi o primeiro, é o segundo.

Virem-se as seculares páginas da história da Igreja Católica, e, dificilmente se encontrará um *Papa* que se tenha empenhado tanto em catalogar (canonizar) santos e santas escondidos por todos os cantos desse nosso universo tão adverso à santidade, e ao mesmo tempo supercarente dela.

Num mundo onde a mídia, por ofício, multiplica-se no afã de divulgar criminosos, desonestos, usurpadores, corruptos e corruptores, e que tem uma voz que salta para proclamar os santos, esta voz só pode ser benéfica, inspirada e inspiradora! O confronto é paradoxal. Mas a conclusão é de que vale a pena e conclama um despertar!

Certa feita, Jesus, o Mestre divino, após análise pedagógica de uma sua comparação do julgamento de Deus e decisão desonesta de um juiz, na causa de uma pobre viúva, suspirou preocupado, exclamando. *Será que, quando o Filho do Homem voltar, ainda vai encontrar fé sobre a terra?* (Lc 18,8).

Considerando a direção que o nosso mundo globalizado vai tomando, não procede que tenhamos a mesma apreensão?

As solenes proclamações dos justos

Luigi e Maria Beltrami Quattorchi, esposos e pais, que souberam, no dizer do Papa, levar "uma vida normal de maneira extraordinária", realizando santa e claramente exemplar uma vocação a dois no amor conjugal a serviço da vida.



Foto: Eduardo Russo

que tiveram vida verdadeira, assim por João Paulo II apresentadas, só têm que ser carisma! E também a sonora conclamação de um despertar! Aliás, o mesmo grito de alerta nascido do coração de Cristo para o mundo dos homens: "Sede santos, porque o vosso Pai celeste é Santo"!

E com esta visão evangélica, abrangente e penetrante, o santo ancião do Vaticano, catalogando santos da terra em toda sua extensão, sem ex-

cluir raças, culturas e épocas, quer dar ao mundo um sinal de esperança e salvação!

De todos esses sinais, quero concluir apontando um, inspirado na maior vítima da degradação social que oprime a vida: o desagregar da família! É o carisma de João Paulo II à nossa sociedade atordoada: a próxima canonização de um casal, marido e mulher, santos na vida conjugal, no casamento cristão. Nada mais oportuno!

Trata-se do feliz casal Luigi e Maria Beltrami Quattorchi, esposos e pais, que souberam, no dizer do Papa, levar "uma vida normal de maneira extraordinária", realizando santa e claramente exemplar uma vocação a dois no amor conjugal a serviço da vida.

Casal romano, com quatro filhos, na primeira metade do século passado, traz às famílias um exemplo de vida cristã verdadeira, por isso, fiel, humana e santa. Foram eles declarados bem-aventurados, beatos em solene cerimônia no Vaticano, no dia 20 de outubro de 2001, aguardando a canonização. Também os pais de Santa Teresinha do Menino Jesus, estão em

processo de beatificação. São os frutos abençoados de casamento vivido na verdade do amor cristão.

"Luís e Maria, bem-aventurado casal, mantiveram acesa a chama da fé e transmitiram a seus quatro filhos, dos quais três estão aqui hoje nesta Basílica," notificou João Paulo II.

Extraordinário João de Deus, garimpeiro de santos!



Elias Leite é missionário claretiano, escritor e poeta.

Paz por meio do turismo

Francisco Gomes de Matos

Turistas e turismo

Segundo o *Dicionário Houaiss*, "turista" teria começado a ser usado no Português escrito a partir de 1800, enquanto "turismo" surgiria em 1811. Se os dois termos são relativamente recentes, há quanto tempo existiria o estudo sistemático do Turismo como área especializada, em nível pós-graduado? Entre nós, teria surgido na última década do século passado. Significativo exemplo brasileiro é o Mestrado em Turismo e Hotelaria, da Universidade do Vale do Itajaí, que, desde 1999, publica a revista *Turismo. Visão e Ação*. Seu número 4, de fevereiro de 2000, contém um Glossário que abrange as categorias Termos Gerais (conceitos-chave da área), Termos referentes a Agências, Termos relativos à Hotelaria, Base ecológica e ambiental, Termos do Sistema de Turismo.

Nesse volume pioneiro, encontramos verbetes para 22 tipos de turismo (exemplos: Ecoturismo, Turismo religio-

so, Turismo sustentável). As Referências bibliográficas dão idéia do alcance interdisciplinar dessa atividade integrante da maior indústria mundial, viagens e turismo, que dispõe de um conselho internacional, site: www.wttc.org.

Importância cultural

Por causa de sua expansão e diversificação universais, a atividade turística constitui poderosa força transformadora intra e interculturalmente. Assim, os possíveis impactos culturais resultantes de políticas de turismo (internacionais, nacionais, estaduais, municipais) e os efeitos das (inter)ações de turistas passam a constituir objeto de atenção de pesquisadores, empenhados em identificar e buscar soluções para problemas diversos. A propósito, destaque-se o lançamento, no início de 2003, da revista *Tourism and Cultural Change* (Turismo e Mudança Cultural), pela editora britânica Multilingual Matters (www.multilingual-matters.com). Dada a importância dos turistas como verdadeiros agentes interculturais, caberia perguntar de que modo se poderia chegar a formular direitos e deveres (inter)culturais de turistas, em

contextos específicos? De que modo empresas na área do turismo poderiam contribuir para o exercício de tais direitos e o cumprimento de tais obrigações? Nessa nova dimensão dos direitos interculturais, é de esperar que um conceito-chave como turista-humanizador receba a devida atenção. Ao caracterizarmos turistas como humanizadores, estamos pensando em seu papel de promotores da Paz ou, no português tão criativo do autor de *Grande Sertão: Veredas*, de pessoas pazeadoras (cf. verbete "pazear" no precioso volume *O Léxico de Guimarães Rosa*, por Nilce Sant'Anna Martins, Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 377)

Paz por meio do turismo

Há dois meses, começamos a nos corresponder com Louis D'Amore, presidente do *International Institute for Peace through Tourism*. Graças àquele humanizador, pude conhecer um pouco do meritório trabalho realizado por sua organização. Pelas limitações de espaço, recomendo aos leitores interessados que acessem o site da IIPT: www.iipt.org, onde encontrarão textos (em inglês), dentre os quais: origens, objetivos e realizações da IIPT (exemplo: Primeiro Código de Ética para um Turismo Sustentável); Credo do(a) Via-



Fotos: Arquivo

jante Promotor(a) da Paz (Exemplo: "Assumo o compromisso de reconhecer o valor de todas as culturas que eu descobrir, de estender a mão amiga a todos que encontre; por meu espírito, palavras e ações, incentivar outras pessoas a viajarem em paz pelo mundo"); A Declaração de Amman (Primeira Reunião de Cúpula, Jordânia, novembro de 2000); Informações sobre a Segunda Reunião de Cúpula — Paz através do Turismo, a realizar-se em Genebra de 5 a 8 de fevereiro de 2003.

Para o presidente do referido instituto (fundado em 1986 – Ano Internacional da Paz, segundo as Nações



Unidas), é visão norteadora do IIPT "ajudar a fazer com que a indústria de viagens e turismo se transforme na primeira indústria mundial da paz". Se, todo(a) viajante-turista é um "embaixador da paz" em potencial – nas palavras de D'Amore, lembraríamos que professores de línguas são/deveriam ser agentes interculturais promotores da paz. Que a missão de promover a paz através do turismo seja compartilhada pelo maior número de brasileiros atuantes nesse fascinante campo e em áreas afins.



Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Linguísticos, da Univ. Federal de Pernambuco, Membro da Comissão de Direitos humanos, CAC, UFPE, Recife. fcgm@cashnet.com.br

Nomes próprios no Tupi

Abárer'etã (nomes de gente)

Elias Leite

Em 2000, na comemoração dos 500 anos da chegada dos europeus ao Brasil (do descobrimento?!), a partir de janeiro, a revista *Ave Maria* abriu espaço para se redescobrir a língua nativa aqui existente há muitos séculos e sufocada ao longo do tempo. Na época, demos início a um vocabulário com nomes de cidades brasileiras de origem tupi. Agora passaremos a elencar nomes próprios originados deste idioma.

Em todas as culturas, o nome diz a pessoa. Com os povos primitivos, é costume trazer-lhe também alguma referência pessoal descritiva ou elogiosa. À nação tupi não lhe foge a regra. Nasce uma criança na aldeia, logo lhe é dado um nome e celebrado em alegre ritual. Aos homens, um nome que lembre um ancestral, um valente guerreiro, um forte, ou nome de animal ou de planta valiosa. Se mulher, um epíteto descritivo de sua beleza, o nome de um astro, de um mito ou simplesmente de uma flor.

Destes nomes pessoais bem poucos nos restaram, em comparação aos topônimos e étimos de animais e plantas. Arquivados, temos uns poucos nos acervos jesuíticos, nos escritos de antropólogos, estudiosos e primeiros historiadores, esporadicamente citados.

Onde e quando tivemos herança maior de nomes próprios nessa língua, no dizer de Anchieta, "suave e elegante", é na Literatura. Já na colonial, nos poemas épicos de Basílio da Gama, *O Uruguai*, com personagens indígenas como Cacambo, e Caitetu, irmão de Lindóia, a bela protagonista, como diz o autor, narrando a tragédia: *Nos olhos Cattetu não sofre o pranto/ Tanto era bela no seu rosto a morte*. E no *Caramuru*, de Santa Rita Durão, com o nome lendário do bom português Diogo Álvares, náufrago e salvo das águas nas costas da Bahia, casando-se depois, com a índia Paraguassu, rival de Moema, que também termina com morte trágica. Gosto literário da época.

Depois desses, surge o Romantismo

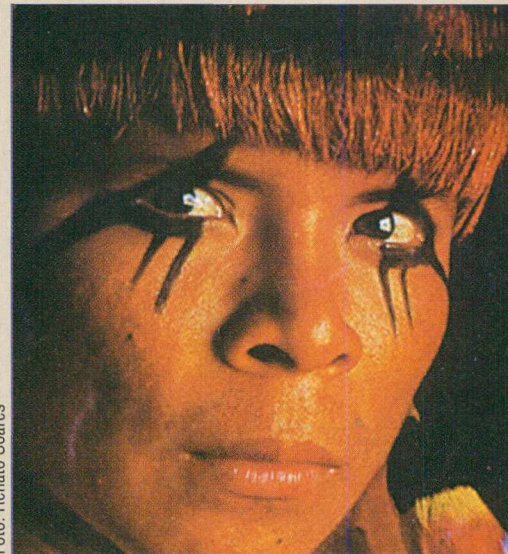


Foto: Renato Soares

patriótico, com o *Ijúca-pyrama*, de Gonçalves Dias, os belos romances indigenistas de Bernardo Guimarães (1869) *O Ermitão de Muquem*, com Itagiba; e *O índio Afonso*. Sem esquecer, impossível, José de Alencar o romancista da Terra, com a série: *O Guarany*, *Iracema*, *Ubirajara*, *O Tronco do Ypê*, etc., cujos personagens deram nomes para muitos batizados. Até hoje. E para terminar, o enigmático e adorável *Macunayma*, do Mario de Andrade, pai do Modernismo brasileiro.

Com a introdução, vamos passar aos leitores o significado etimológico de nomes próprios mais conhecidos. Antes, porém, trazemos duas observações gramaticais, a fim de que o leitor possa ir conhecendo a índole da língua tupi e melhor apreciá-la.

1º - A formação da idéia de posse (genitiva). Ex.: Toca do peixe: *pirá-Kuára*

Maria na Bíblia

EM CANÁ (Jo 2,1-12)

(Continuação)

Geraldo Araújo de Lima

Nossa Senhora tornou-se o instrumento de piedade popular mais difundido entre os cristãos católicos. Desde agosto de 2001, vêm-se publicando textos com fundamentos bíblicos relacionados com o tema.

Modelo de esperança

A piedade popular sempre viu na solicitude de Maria pelos noivos de Caná um modelo de caridade, de amor-serviço. Os estudiosos, ao invés, preferem vê-la como modelo de fé. Todavia, eu creio que, sem empanar nem uma nem outra (sobretudo porque as três virtudes teológicas se interpenetram e completam, formando um todo único...) podemos ver também, na narrativa de Caná, Maria como um maravilhoso modelo de esperança.

Nunca podemos perder de vista o caráter essencialmente dinâmico da es-

perança. Caso contrário, esta deixaria de ser uma virtude, pois "a virtude é uma força ou habilidade para atuar o bem moral, realizá-lo com alegria e perseverança, mesmo por meio de sacrifícios e obstáculos internos e externos" (Rahner-Vorgrimler, *Dicionário de Teologia*).

Na nossa maneira habitual de falar, empregamos comumente o verbo "esperar" com duas conotações diversas. Num sentido prevalentemente passivo, dizemos que alguém está esperando o ônibus, o fim do mês, ou coisa que o valha. Da sua parte, tal pessoa não colabora em nada para que



ilustração: Arquivo

um ou outro cheguem. E eles chegarão, mesmo que tal pessoa nem esteja a esperá-los. Nestes casos, esperar não é propriamente uma virtude, mas uma passividade.

Por outro lado, costumamos tam-

bém dizer que a senhora Tal "está esperando criança", ou seja, está grávida. Neste caso, o verbo "esperar" assume uma conotação inteiramente diversa. A criança, pela qual a tal senhora espera, já está presente, já está dentro dela. A mãe espera o filho de maneira essencialmente dinâmica, dando-lhe a vida, comunicando-lhe seu próprio sangue, sua psicologia. Todo o seu organismo, toda a sua pessoa estão empenhados na formação deste novo ser! Muitas vezes, é com risco de vida que a mãe provoca o aparecimento de um novo homem sobre a face da terra.

É neste sentido que devemos entender a virtude teológica da esperança: esperar produzindo, esperar formando, esperar arriscando-se, esperar provocando... Foi assim que Maria esperou o Messias, provocando a hora de Deus:

- na encarnação: *Faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1,38); e o *Verbo se fez carne e habitou no meio de nós, e nós vimos a sua glória* (Jo 1,14);
- em Caná: *Que queres de mim, Mulher? Minha hora ainda não chegou. Sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser ... e Jesus manifestou a Sua glória e os Seus discípulos creram nele* (Jo 2.4-5.11).

Tal deve ser a santidade do vosso viver e da vossa piedade, enquanto esperais e apressais o dia de Deus (2 Pd 3,11-12). Afinal de contas, *quem sabe faz a hora, não espera acontecer!*

Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; Convento do Carmo, Recife, PE.

= *pirá*: peixe + *kuára*: toca, esconderijo. O possessivo (do peixe) é posposto, sem preposição. Piraquara (PR).

2ª – O plural dos nomes é formado com os indefinidos: *etá*, *tytiba* = muitos. Ex. Guarating-etá: as garças, Itá-tyba: muitas pedras, pedreira; Araçatuba = araçá-tyba: muitos araçás (fruta).

Vocabulário

ABARÉ - (*abá-rê*) *abá*: homem, gente, o índio + *rê*: diferente, verdadeiro. Nome dado pelos índios ao missionário, o padre.

Avaré - Cidade de SP e BA.

ARACY - (*ara-cy*) *ara*: dia, tempo +

cy: mãe, origem. Mãe do dia. O sol. **ARARIBÓIA** (*arari-mbóia*) *ararí*: ararinha + *mbóia*: cobra. A cobra arari (colorida). Nome de um cacique ta-moio, aliado dos franceses (1570) contra o governador Estácio de Sá. Há quem traduza por "cobra feroz". (Continua no próximo número.)

Rosa de Lima

23 DE AGOSTO
(+ 1617)

Em 1586, nasceu em Lima, Peru, uma menina, de pais espanhóis e que lhe deram, no batismo, o nome de Isabel. Por ser, porém, muito bonita, passaram a chamá-la também de Rosa. Daí, a origem do nome com que hoje, é comumente conhecida.

Menina ainda, escolheu Santa Catarina de Sena (1380) por modelo e protetora, e com o maior cuidado, procurou imitar e cultivar as virtudes da grande filha de São Domingos.

Reconhecendo ser o amor próprio seu principal defeito, pedia a Deus em suas orações que lhe concedesse a graça de vencer o orgulho. Com empenho e luta incessante, dedicava-se à prática da humildade e da obediência aos pais, como também à paciência sem limites nas contrariedades da vida.

Seus pais, infelizes nos negócios, perderam o dinheiro que tinham. Para ajudar no sustento da casa, Rosa foi trabalhar como empregada.

Seus patrões constatando o zelo e a pontualidade com que fazia todos os serviços domésticos, quiseram obrigá-la a se casar, como era o costume da época.

Rosa, porém, que havia feito voto de castidade, renovou-o e entrou para a Ordem Terceira de São Domingos, assim como fizera sua protetora San-

ta Catarina de Sena.

Passou a morar numa cela estreita e pobre, onde se entregava às práticas da mais austera penitência. Ao meditar na Paixão e Morte de Cristo, costumava colocar na cabeça uma coroa de espinhos para imitar um pouco os sofrimentos de Jesus. Tal prática, depois de sua morte, levou seus compatriotas peruanos a modelarem sua imagem com o hábito

necer unida ao Senhor Jesus. Para isso se esforçava para vencer seus defeitos, tendo-se em conta de grande pecadora. Não cessava de cantar as misericórdias divinas. Sabendo, porém, como diz São Paulo que temos este tesouro da graça de Deus em vasos de barro (cf. 2Cor 4,7), dedicava-se à oração, ficando horas diante do Santíssimo Sacramento.

Durante quinze anos, teve de sofrer duras perseguições de pessoas que não se conformavam com a vida que levava e lhe armavam provações e tentações para que voltasse para o mundo.

Todos esses sofrimentos, que no seu espírito de fé, recebia como mandados por Deus, serviram para firmá-la mais ainda na virtude e santidade. Na última doença que lhe causava grandes dores, dizia freqüentemente: "Senhor, dai-me a graça de suportar o sofrimento, contanto que aumenteis em mim meu amor por vós". Morreu em 24 de agosto de 1617.

Após a contatação de inúmeros milagres, atribuídos à sua intercessão, e rigorosamente examinados pelas autoridades eclesiásticas, o papa Clemente X, canonizou-a, em 1671, e marcou sua festa para o dia 23 de agosto, proclamando-a padroeira da América Latina.



Ilustração: Arquivo

dominicano e tendo uma coroa de espinhos na cabeça.

Participava freqüentemente do santo sacrifício da missa e procurava vivenciar seu significado, renovando a aliança com Deus, oferecendo-lhe sua vontade inquebrantável de perma-

Bartolomeu

24 DE AGOSTO
(século I)

Nascido na Galiléia, foi um dos doze, chamados por Jesus para segui-lo. É opinião de muitos autores que o nome Bartolomeu significa filho de Tomeu ou Tolmai e que é o outro nome de Natanael.

Conta-nos João, em seu Evangelho que Filipe encontrou Natanael e lhe disse: *Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei e que os profetas anunciaram: é Jesus de Nazaré, filho de José.*

Natanael redargüiu que não acreditava que daquela cidade viesse coisa boa, mas, diante da insistência do amigo, foi ao encontro de Jesus. Ao vê-lo, Jesus lhe disse: *Eis um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade.*

Tomado de surpresa pelo elogio inesperado, Natanael quis saber de onde Jesus o conhecia. A resposta do Mestre é enigmática para nós, mas para o Apóstolo foi decisiva porque, após ouvi-la, Natanael, que era mestre da lei, proclamou: *Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel.* Jesus, então concluiu o diálogo, afirmando-lhe que

haveria de ver coisas maiores do que aquela (cf. Jo 1,45).

Como os demais apóstolos, foi testemunha da vida pública

percorreu a Arábia e a Pérsia, chegando até a Índia. Eusébio, um dos primeiros escritores cristãos, deixou registrado que São Panteno, indo trabalhar séculos depois na Índia, encontrou vestígios do cristianismo e uma cópia hebraica do Evangelho de São Mateus que pertenceria a S. Bartolomeu.

Em seguida, o Apóstolo, depois de se encontrar com São Filipe de Hierápolis, na Frígia, foi para a Licaônia, onde, segundo o testemunho de São João Crisóstomo, também pregou o Evangelho.

Historiadores gregos escreveram que S. Bartolomeu sofreu em Albanópolis, na Armênia, o martírio do esfolamento, barbaridade praticada no Egito e na Pérsia.


No ano de 508, o imperador Anastácio mandou transportar parte das relíquias de São Bartolomeu para Duras, na Mesopotâmia. No fim do século VI, foram levadas para a ilha de Lapari. De lá, em 890, passaram para Benevento; e, em 983, para Roma, onde se acham sob o altar da igreja de São Bartolomeu. 



ilustração: Arquivo

de Jesus Cristo, viu seus milagres, ouviu-lhe os discursos e exortações e, como os companheiros, foi convencido da ressurreição do divino Mestre. Com eles recolheu-se na preparação da vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes e por ele foi ungido.

Consta que Bartolomeu

Século XXI, desafio para a Igreja

Ronaldo Mazula

(Continuação)

Após analisarmos as causas externas e internas da diminuição das vocações sacerdotais-religiosas, o autor considera a Igreja no contexto atual.

Atualmente podemos afirmar que a situação da Igreja não pode ser analisada sem se considerar os contextos externos que influenciam suas opções e ações. Seria interessante considerar a questão da Modernidade e da Pós-Modernidade, do Neoliberalismo, dos Novos Movimentos Religiosos e das Seitas, etc. Considerando que tais temas já são conhecidos, analisaremos a situação da Igreja do Brasil a partir de suas perspectivas internas.

Antes de tudo, podemos afirmar que a sociedade moderna trouxe para a Igreja vários desafios que ainda precisam encontrar melhores respostas: a pastoral urbana; pastorais específicas; nova evangelização e inculturação; seitas e novos movimentos religiosos; opção preferencial pelos pobres; diálogo ecumênico; formação do clero; religiosidade popular; atenção aos católicos praticantes, não-praticantes, não-cristãos e ateus; diálogo com as estruturas políticas e econômicas, etc. A ação da Igreja tenta se adaptar às **várias situações emergentes**:

- O recente e rápido processo de urbanização, que concentrou nas cidades 75% da população em pouco mais de 30 anos e trouxe novos condiciona-

mentos à pastoral eclesial. De um lado permanece uma forte centralização de todo o trabalho pastoral ao redor do padre, apesar dos esforços de conscientização e envolvimento do laicato na ação eclesial.

- De outro lado, o número de presbíteros permanece estável ao redor de 13.000, de 1970 a 1990, com ligeiro aumento até o ano de 1998, enquanto isto, a população aumentou de tal modo que a relação padre/habitante passou de 1/6.000 para 1/10.000, sobrecarregando o presbítero.

- A isto se acrescenta o fato de que ao padre e à paróquia se pedem, além das celebrações litúrgicas e da catequese, um número sempre maior de 'obras' (postos de saúde, escolas, obras assistenciais...) e de 'pastorais' (criança, menor, juventude, comunicação, rural, operária) ou 'movimentos' (retiros, atividades formativas, iniciativas sociais, etc.). Compreende-se que a quase totalidade do clero diocesano e mesmo boa parte do clero religioso se consagre às paróquias e à pastoral que cuida dos católicos praticantes, deixando sem recursos e sem pessoal o trabalho de evangelização dos não-praticantes e dos não-católicos, embora estes cons-



Foto: Eduardo Russo

tituam a maior parte da população.

- A iniciativa de promover as CEBs, animadas e lideradas por leigos, tem multiplicado a presença organizada da Igreja no meio rural e em algumas periferias urbanas, mas não tem conseguido modificar substancialmente a situação pastoral da cidade; mesmo porque, segundo muitos, as CEBs já estão num processo de crise e diminuição.

Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

Diálogos internos Com quem conversamos?

Wimer Botura, jr

Existem pessoas que passam anos se relacionando com outras que têm determinadas características que só servem para alimentar seus diálogos internos. Os relacionamentos desse tipo chegam a um nível tão grave de reforço das crenças e dos diálogos internos, que geram graves problemas de

emprego, exatamente aquela que sonhava e estava muito difícil de acontecer. Antônio está tão eufórico, que precisa contar a vitória a alguém, compartilhar sua alegria com alguém.

Quando sai da empresa, vai direto se encontrar com seu irmão, José, e conta-lhe toda a façanha, que lhe custou meses de expectativas. Mal Antônio acaba de relatar os fatos, o irmão diz:

— E comigo, então? lembra aquele negócio que eu esperava há muito tempo? Pois é, aconteceu.

Antônio pensa "Nem para ser promovido, para fazer um ótimo negócio eu sou capaz?".

Na semana seguinte, Amílcar tem problemas com a família e anda preocupado. Amílcar é grande amigo de José, o irmão de Antônio. Como anda realmente aflito, marca um jantar com José para poder desabafar. Amílcar conta tudo o que está

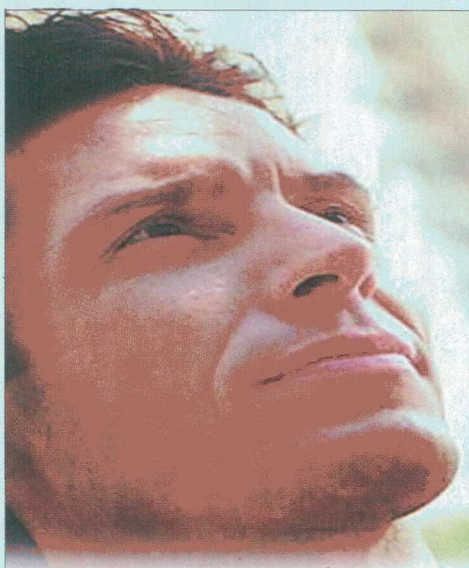
ocorrendo e mostra-se realmente tenso. Mas, depois de escutar tudo, José diz.

— E comigo, então, aconteceu algo muito pior que isto!

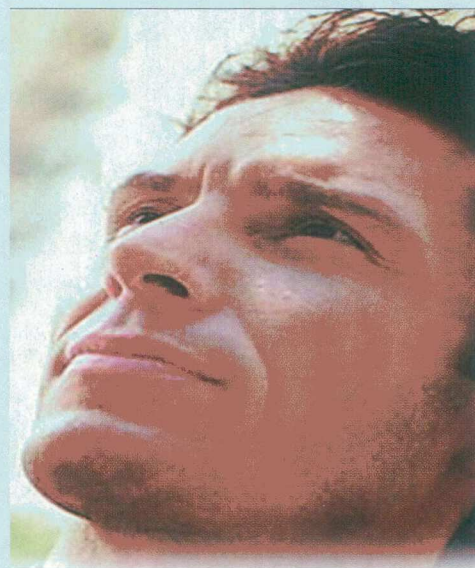
Amílcar pensa. "Nem para ter problemas eu sou capaz?". Vejam que neste caso temos a união da "fome com a vontade de comer", ou seja, José é inseguro e não se percebe em nenhum dos dois casos. Talvez ele até esteja querendo dizer ao irmão que ficou feliz também, ao amigo que não sofra o que pode superar o problema, e acaba bloqueando o amigo, o irmão e possivelmente as pessoas com quem se relaciona. Ele tem uma necessidade de

monopolizar os extremos e, ao fazer isto, mesmo tentando acalmar o outro, os agride. Quando o outro vem trazer uma informação ou um desabafo, aciona um diálogo interno, cuja defesa é uma resposta imediata que consiste em citar um feito mais extremado que o do outro.

Relacionamentos desse tipo geram



Fotos: Arquivo



saúde, difíceis de terem a causa identificada. Como geralmente busca-se o esclarecimento das doenças em grandes traumas que a pessoa pode ter sofrido, essa causa aparentemente inexistente vai passar despercebida e a doença continuará. A pessoa que se sustenta por crenças do tipo "Nada adianta", "Não tem outro jeito", por exemplo, permanecerá dentro dos relacionamentos de forma sempre destrutiva e será seguidamente agredida pela realidade, da qual acredita não poder se defender.

Antônio está muito feliz, pois acaba de receber uma promoção em seu

raiva nas pessoas que, comumente, não percebem a agressão. Vão, mais cedo ou mais tarde, sentir o mal-estar decorrente desta raiva, mas não saberão identificá-la. Dependendo da maneira com que José construa suas frases, por exemplo, com tom de piada ou de conselho, o outro poderá perceber menos ainda o peso da agressão e até preservar por mais tempo essa amizade. Na verdade, ao dizer "e comigo então", ele está falando para si, negando o outro, uma forma de agressão silenciosa também.

Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: A paternidade faz a diferença, Ed. Gente.

ALMOÇO PARA O DIA DOS PAIS

ENTRADA

MOUSSE DE QUEIJO E NOZES

Ingredientes

- $\frac{3}{4}$ de xícara/chá de leite quente
- 1 envelope de gelatina em pó sem sabor
- 2 xícaras/chá de queijo-de-minas fresco cortado em pedaços
- $\frac{1}{2}$ xícara/chá de queijo gorgonzola, cortado em pedaços
- 2 xícaras/chá de creme de leite
- $\frac{1}{2}$ xícara/chá de folhas de salsa
- $\frac{1}{2}$ xícara/chá de nozes picadas



Modo de preparar

1. Bata no liquidificador o leite com a gelatina em velocidade baixa, até a gelatina se dissolver.
2. Junte os queijos e bata em velocidade alta.
3. Acrescente o creme de leite e a salsa e bata novamente.
4. Tempere com sal a gosto coloque numa vasilha e leve à geladeira até começar a endurecer.
5. Acrescente as nozes, misture bem, despeje numa fôrma molhada com capacidade para 1 litro.
6. Leve à geladeira até que esteja firme. Desenforme e sirva com torradas.



PRATO PRINCIPAL

CAMARÃO À PROVENÇAL

Molho

- 1 colher/sopa de azeite
- 1 cebola média picada
- 2 dentes de alho picados
- 1 colher/sopa de manjeriço fresco picado
- 1 folha de louro
- 1 kg de tomates sem pele e semente cortados em cubos
- Sal e pimenta-do-reino a gosto



Foto: Arquivo

Para o camarão

- 12 camarões grandes
- 1 colher/sopa de azeite
- 2 dentes de alho picados
- $\frac{1}{4}$ de xícara de vinho branco seco
- Folhas de manjeriço para decorar
- Sal a gosto

Modo de preparar

1. Aqueça o azeite em fogo baixo. Junte a cebola e o alho e frite até ficarem transparentes.
2. Adicione o manjeriço, a folha de louro e os tomates, tempere com sal e pimenta.
3. Cozinhe com a panela tampada por 5 minutos
4. Destampe e cozinhe por 15 minutos, até engrossar o molho. Reserve.
5. Abra os camarões pela parte posterior no sentido do comprimento com cuidado para não separar as 2 partes. Tempere com sal.
6. Numa frigideira, coloque o azeite e o alho e leve ao fogo para esquentar. Retire do fogo e arrume os camarões lado a lado. Volte ao fogo baixo e cozinhe por 3 a 4 minutos. Tire os camarões da frigideira e junte o vinho. Cozinhe até reduzir pela metade. Adicione vinho ao molho de tomate e misture.
7. Coloque os camarões sobre o molho, tampe a frigideira e esquite no momento de servir. Decore com folhas de manjeriço.

SOBREMESA

CREME DE PAPAIA

Ingredientes

- 1 mamão papaia médio (900 g)
- $\frac{1}{2}$ litro de sorvete creme ou baunilha
- Creme de cassis a gosto



Modo de preparar

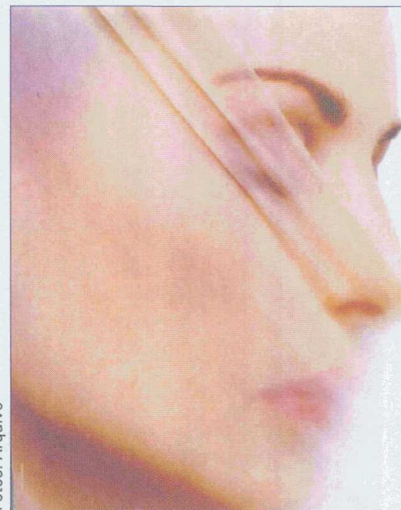
1. Retire as sementes e a casca do mamão. Coloque a polpa no liquidificador e bata um pouco.
2. Junte o sorvete e bata até formar um creme grosso. Coloque em taças e sirva logo para não amargar, despejando por cima um pouco de creme de cassis.



Premente apelo na aflição

Salmo 30

- 1 Ao mestre de canto. Salmo. De Davi.
- 2 Junto de vós, Senhor, eu me abrigo: que eu não fique nunca decepcionado.
Em vossa justiça, preservai-me.
- 3 Inclinaí o ouvido para mim, vinde libertar-me sem demora.
Sede para mim um rochedo inexpugnável, fortaleza onde encontre salvação.
- 4 Sois minha Rocha e fortaleza: por vosso Nome, guiai-me e dirigi-me.
- 5 Sois meu refúgio: livrai-me das ciladas que me armaram.
- 6 Em vossas mãos confio o meu espírito: livrai-me, Senhor, Deus da verdade.
- 7 Adoradores de ídolos vãos, não suporto. Eu confio é no Senhor.
- 8 Vossa bondade me enche de contentamento e alegria,
porque olhastes para a minha miséria, compreendestes minha angústia,
9 e não me entregastes nas mãos inimigas
nem me deixastes vagar na imensidão.
- 10 Piedade de mim, Senhor: estou prostrado!
A tristeza me ataca os olhos, a respiração, as entranhas.
- 11 Minha vida se desgasta na amargura, os meus anos em gemidos.
De tanta aflição, eu perco as forças e meus ossos se desfazem.
- 12 Meus adversários todos zombam de mim. Até meus vizinhos.
Meus amigos se espantam. Os que me vêem na rua, fogem de mim.
- 13 Estou pele e ossos. Como morto. Rejeitado como um traste inútil.
- 14 Porque eu percebo o vozerio da multidão: terror por todo o canto!
Estão conspirando contra mim, tramando me tirar a vida.
- 15 Contudo, ó Senhor, eu confio em vós. E confesso: Vós sois o meu Deus.
- 16 As minhas horas estão em vossa mão:
livrai-me da mão dos meus inimigos e perseguidores.
- 17 Mostrei semblante sereno ao vosso servo, salvai-me pela vossa misericórdia.
- 18 Que eu não fique decepcionado, Senhor, eu vos suplico.
Decepcionados sejam os ímpios e lançados na região dos mortos.
- 19 Amordaçados sejam os lábios mentirosos,
que censuram quem é justo, com arrogância e desprezo.
- 20 Quão abundantes são os bens que reservais para os que vos temem,
que concedeis aos que, perante os homens, em vós se refugiam.
- 21 Sob a proteção da vossa face os defendeis das intrigas humanas,
na tenda os ocultais ao abrigo das línguas maldizentes.
- 22 Bendito seja o Senhor, que em momentos de aflição
usou de maravilhosa bondade comigo.
- 23 Alarmado cheguei a dizer “Fui rejeitado da vossa presença”.
Mas quando clamei a vós, ouvistes meu brado lancinante.
- 24 Amai o Senhor, todos os seus servos: o Senhor guarda com carinho seus fiéis,
mas castiga com rigor os que procedem com soberba.
- 25 Animai-vos e sede fortes de coração, todos vós que confiais no Senhor.



Fotos: Arquivo

Breve comentário

Temos diante de nós uma pessoa perseguida, humilhada, até emagrecida, enfraquecida. Porém, **não decepcionada**, porque confiante em Deus, Rocha inabalável, cidadela invencível.

A alma em grande tribulação, abandonada e desprezada e cansada de sofrer, se abandona nas mãos de Deus, em prece ardente, até ser atendida. Obtido o socorro, segue a ação de graças.

As queixas deste salmo lembram **Jesus Cristo na sua Paixão**: horto, flagelação, subida com a cruz às costas. A auto-entrega da pessoa nas mãos de Deus, expressa no versículo 6, foram as últimas palavras do divino Salvador na cruz e está também na **oração da noite** dos sete dias da semana. Depois de tão sublimes palavras, ao cair da tarde, Jesus descansou. Depois dessas mesmas palavras, ao chegar a noite, os fiéis podem descansar e dormir em paz.

À semelhança de Jesus Cristo, pois, toda alma atribulada pode aplicar a si mesma este salmo.

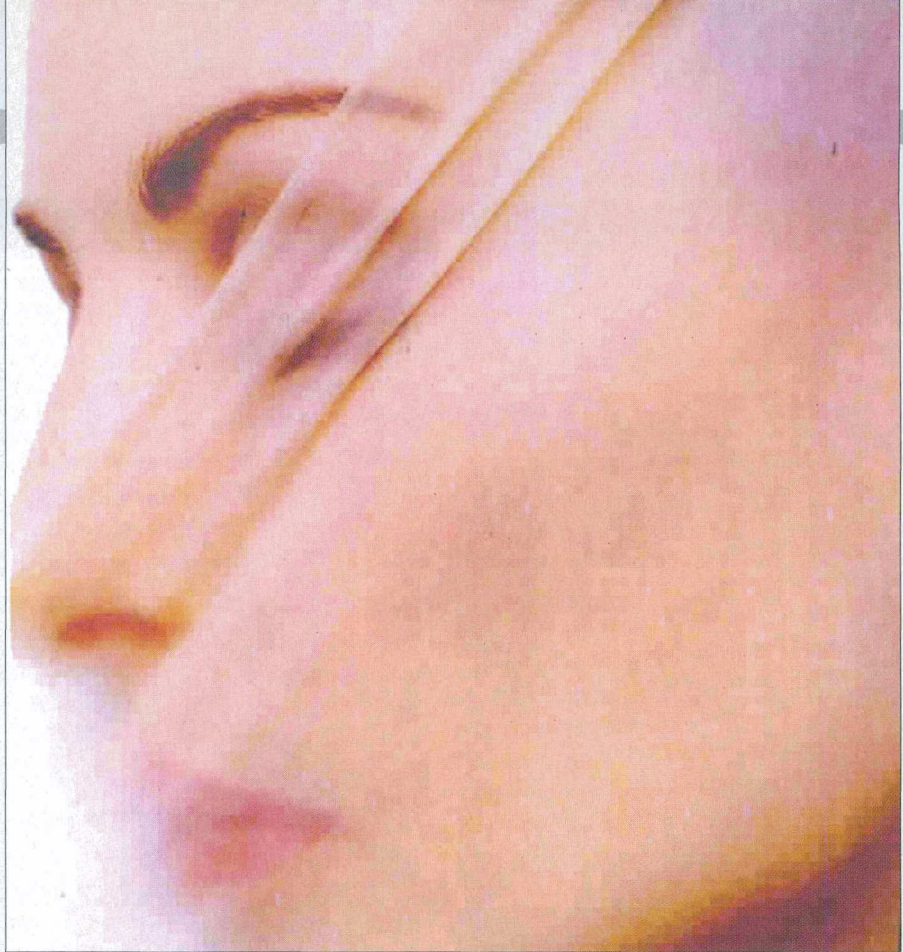
Este é o tom e esta a seqüência de idéias de muitos salmos, especialmente o 70(71). A última linha já a encontramos no final do 26(27). Muitos pontos de contacto também com Isaías e Jeremias.

Para ajudar a compreensão, dividi o poema em quatro estrofes. Mas o colorido é quase o mesmo, do começo até o fim.

Por ser pequeno o espaço disponível na Revista, vou-me ater principalmente às considerações de um sacerdote de Portugal, chamado Pe. Bernardino de São José.

Este bem poderia chamar-se o **salmo do santo abandono**.

Perpassam nele, ante os olhos da nossa imaginação apavorada, as principais cenas daquela sublime tragédia, que foi a Paixão do Senhor: as angústias da agonia do horto – a infidelidade e fuga dos discípulos – os insultos e vaias da plebe desvairada enquanto a doce Vítima vai passando de tribunal em tribunal – a desolação espantosa da Cruz – e a agonia – e a deposição – e a sepultura...




Mas, no fim, a vitória também, e que vitória! *Bendito seja o Senhor* (v. 22), *que trata com carinho seus fiéis* (v. 24).

É o **Coração de Jesus** falando ao Pai. É o **nosso coração** falando a Deus.

Recitemos este salmo com terno e compassivo amor por Jesus, oferecendo-lhe a nossa solidariedade nos seus sofrimentos. E nas nossas próprias tri-

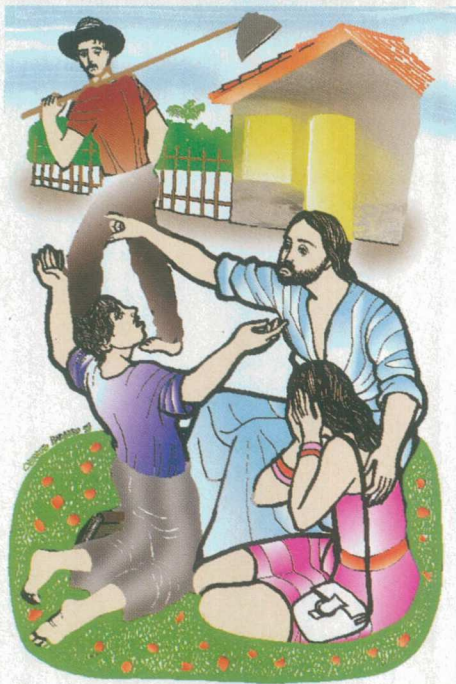
bulações, tanto espirituais como corporais, imitemos o seu amoroso abandono à vontade de Deus.

Além de lembrar a Paixão do Senhor, o salmo contém vários elementos aplicáveis à Santíssima Mãe **Nossa Senhora das Dores**. (Leia quadro abaixo). 

Pe. José Fonzar é missionário claretiano-fonfon@sercomtel.com.br

No estilo de sempre, sem pontuação nenhuma, sem se fixar no texto sagrado como tal mas instigado por ele, o escritor-poeta Ernesto Cardenal assim “atualiza”, “moderniza” alguns versículos do salmo: *[A numeração entre parênteses não é do poeta.]*

- (2) Em ti Senhor confio não seja jamais confundido
- (5) Livraste-me da máfia dos gangsters
- (6) Em tuas mãos encomendo meu espírito Tu me libertaste ó Senhor Deus da verdade
- (7) Tu aborreces aos seguidores de ídolos vãos e aos seguidores de consignas eu porém somente espero em ti Senhor
- (9) Não me entregaste à Polícia Secreta Tu me livraste do campo de concentração
- (10) Tem piedade de mim Senhor porque estou em tribulação Enquanto eles estão em festa – estão brindando – Choramos de noite na casa saqueada Estamos de luto na mesa de comer com o lugar vazio pálidos e calados, esperando que golpeiem a porta
- (12) Na vizinhança não nos cumprimentam Os companheiros de trabalho fazem que não me conhecem
- (13) E nosso nome já não se pronuncia mais como se a gente nunca tivesse existido
- (14) Insultam-nos pelos rádios a noite inteira e os tecnocratas se reúnem de noite contra nós elaborando planos perfeitos
- (18) Senhor que eu não seja confundido
- (19) Que se calem para sempre seus rádios mentirosos que falam contra o justo
- (21) Tua presença é para nós como uma Linha de Defesa como um Refúgio Antiaéreo



Dia da Bíblia

26.º domingo do Tempo Comum
29 de setembro

INTRODUÇÃO

Hoje, em todas as dioceses brasileiras, é comemorado, de modo especial, a Bíblia. Todo domingo, lêem-se as Sagradas Escrituras, mas, nesta data, reflete-se também sobre a importância e utilidade de sua proclamação.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Ez 18,25-28

Não basta ler a Bíblia. É preciso seguir seus ensinamentos. O significado desta primeira leitura vai na mesma direção.

O profeta Ezequiel se encontrava no exílio, onde os israelitas atribuíam os sofrimentos por que estavam passando aos pecados de seus pais. Seus antepassados não teriam dado importância ao que falavam os profetas e seus descendentes é que estavam agüentando as conseqüências.

O profeta ensina que isso não é verdade e lembra a responsabilidade pessoal de cada um. A salvação de um indivíduo não depende de seus antepas-

sados nem de seus parentes mais próximos, como pai e filhos, nem tampouco de seu passado. O que importa é sempre a disposição atual do coração.

Caso contrário, alguém acabaria se convencendo de que poderia continuar sua vida errada, que não se deveria esforçar para mudar, por que seria inútil, uma vez que a culpa não seria dele, mas dos outros, isto é, dos pais, dos avós!

Deus sempre está disposto a ajudar aqueles que, renunciando ao mal praticado, querem reconstruir a própria vida.

2.ª leitura Fl 2,1-11

É pelas obras que se julga quem verdadeiramente sabe ler as Sagradas Escrituras.

Descobre-se a verdade de nossa vida por nossas ações. Mostramos, então, o que somos. O verdadeiro cristão opera a integração fé—vida. Isto é, o “sim” de sua fé se torna o “sim” de sua vida; a palavra se torna ação e gesto das mãos.

Para isto, o único caminho é a imitação de Cristo. Paulo conta a história de Jesus. Quando se fez um de nós, ele como que se despojou da sua grandeza divina e apareceu aos nossos olhos na baixeza e na fraqueza do homem. Todavia, quando se encarnou, não perdeu sua natureza divina. Esta permaneceu escondida sob a forma humana que ele assumiu. Na eucaristia, além de sua divindade, também sua forma humana está oculta sob as espécies de pão e vinho.

Foi esse exemplo de grande humildade que o Apóstolo apresentou à comunidade de Filipos, onde havia, ao que parece, espírito de desunião. Convidou-os a combater os inimigos da caridade que são o orgulho e o egoísmo. Essa humildade, não fingida, é que leva a considerar os outros mais dignos de louvor e a cuidar também do que é dos outros.

Ao contrário do povo de Israel que

disse “não” a Deus, como meditamos na primeira leitura, Jesus diz “sim” ao Pai até a morte de cruz.

Evangelho Mt 21,28-32

Esta mesma constatação, ou seja, de Israel que rejeita os ensinamentos de Javé e de Jesus que acolheu a vontade do Pai é retratada por nosso Salvador em mais uma parábola.

São três personagens: um pai e dois filhos. Um diz que irá, mas não vai; o outro diz que não vai, mas acaba indo.

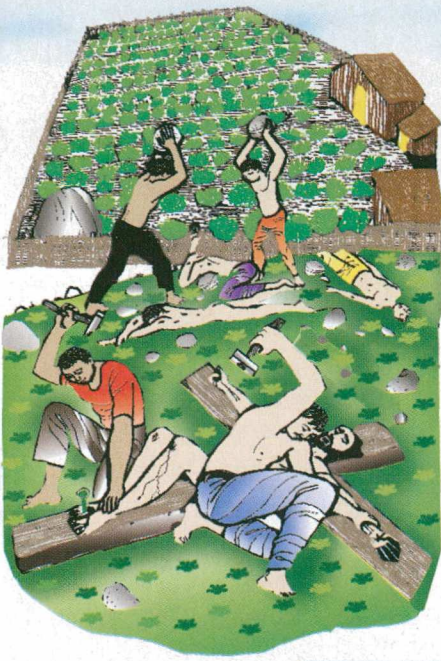
Ao meditarmos a Palavra de Deus, somos, muitas vezes, tocados pela graça de Deus e, talvez, comovidos até às lágrimas, prometemos a Deus que mudaremos de vida. Mas, quando voltamos ao nosso dia-a-dia, esquecemo-nos do que tínhamos decidido e ficamos na mesma. Outro é o modo de proceder do que constata que é pecador, arrepende-se e, com humildade, pede a graça de Deus para efetivamente poder mudar de vida.

Na Igreja, em nossas comunidades, sempre há “dois filhos”: alguns, no batismo, dizem “sim”, mas, depois, na vida concreta transformam o “sim” em muitos “nãos”. Por outro lado, há muitas pessoas que nunca disseram um “sim” explícito para Deus, mas na prática de cada dia, amam o irmão, sacrificam-se pelos outros, executam muitas obras de caridade. Estes, ainda que não batizados, são verdadeiros filhos de Deus.

Cada um de nós, na verdade, às vezes se comporta como o primeiro filho e às vezes como o segundo.

REFLEXÃO

Valemo-nos de dons (dados por Deus!), como cargos de liderança, inteligência, mais estudo, etc., para querer ser mais do que os outros? Por que diz Jesus que os publicanos e as prostitutas passam à frente dos justos no reino de Deus?



Somos o novo povo de Deus

27.º domingo do Tempo Comum
6 de outubro

INTRODUÇÃO

O amor de Deus por nós se revela a todo momento e com desvelo infinito. Infelizmente, nem sempre respondemos a ele da mesma maneira. Mas, por fim, seu amor triunfa sobre nossa recusa e infidelidade.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Is 5,1-7

A alegoria da vinha inaugura o tema das núpcias de Javé com Israel. Às vezes, na Bíblia, Israel é designado como *vinha*, outras vezes, como a *esposa* amada. Neste cântico de Isaías, as duas linhas se misturam e se superpõem. Seu sentido é revelado no final desta leitura: a vinha do Senhor todo-poderoso é a casa de Israel, e os homens de Judá são a sua plantação predileta. Esperou deles a retidão e eles praticaram a maldade; esperou justiça, e ouvem-se gritos de desespero.

Fomos batizados e chamados à

santidade. Participamos do amor de Deus e ele nos cumula de dons e graças especiais. Que mais poderia fazer pela sua “vinha” (nós) que não tenha feito? E o que lhe demos em troca?

Às vezes, aparentamos produzir uva boa (boas ações), mas a realidade é bem diferente. Temos profunda convicção de termos fé muito sólida; o que produzimos, porém, tem somente a aparência de obras da fé. Se forem examinadas de perto, são somente ritualismo, exterioridade, futilidade e espetáculo. E isso não interessa para Deus.

2.ª leitura Fl 4,6-9

A recomendação de Paulo é muito importante porque existem cristãos que se julgam santos, que seguem todas as regras, até as mais minuciosas da religião, mas são intratáveis com os irmãos. No fundo, desprezamos, achando-se superiores a eles.

Estarão prestando bom testemunho da própria fé? De modo nenhum. Já conhecemos o pensamento de Cristo a este respeito: *Se estás, portanto, para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai, primeiro, reconciliar-te com teu irmão; só então vem fazer a tua oferta* (Mt 5,23-24).

A grande barreira para aceitar este ensinamento é o orgulho. Por isso, o Apóstolo recomenda: *apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela oração e pela súplica, e em ação de graças* (v.6).

Não é possível obter sucesso na vida espiritual sem oração. Todos os santos, contemporâneos ou não, tinham profunda compreensão de que sendo tudo dom de Deus, não podiam amar os irmãos sem obter de Deus essa graça! E, por isso, rezavam.

O resultado disso era a presença da paz de Deus dentro deles, perceptível por todos que com eles conviviam.

Evangelho Mt 21,33-43

Mateus relatou esta parábola para explicar aos cristãos das comunidades de seu tempo o motivo pelo qual o povo de Deus era constituído por pagãos, já que os judeus não acreditaram em Cristo. A Igreja passara a ser o novo povo de Deus.

Este trecho, porém, não foi conservado no Evangelho para levar-nos a imprecisões contra a infidelidade dos judeus, mas para lembrar aos cristãos de todos os tempos que existe para todos o perigo de repetir o mesmo erro dos príncipes dos sacerdotes e dos guias espirituais do povo de Israel.

Cada um de nós deve considerar-se um operário da vinha. De nós são exigidos os frutos. Se não soubermos produzi-los, seremos condenados como os agricultores da parábola.

Sua conclusão, porém, é positiva. Em lugar de confirmar as palavras de ameaça e destruição, de seus ouvintes, Jesus introduz a ação de Deus.

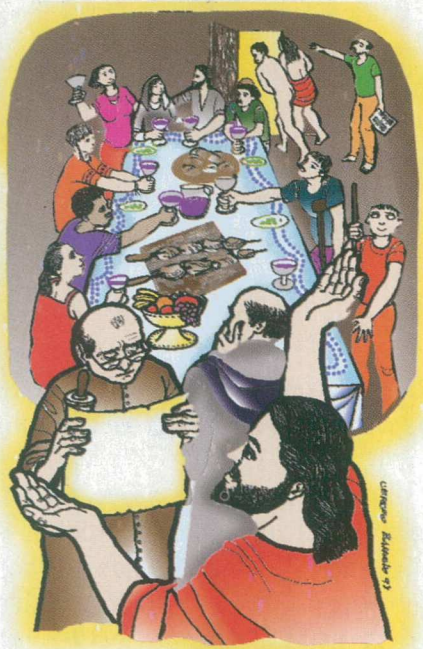
A vinha não será destruída, somente serão substituídos os trabalhadores. A custódia da vinha por outros operários não é um gesto de despeito ou de vingança por parte do senhor indignado. É uma obra de amor e de salvação que, com certeza, trará benefícios para todos. A rejeição a Jesus foi uma bênção para os pagãos e para o mundo inteiro.

Deus transforma em sucesso também o fracasso e sabe extrair coisas maravilhosas até de nossos erros.

REFLEXÃO

Quais são os frutos que produzimos? Restringimo-nos a participar de solenes liturgias, feitas de palavras e gestos desligados da vida? Não seremos semelhantes a Israel, videira estéril, ou aos chefes incapazes de compreender e de responder às exigências de Deus?





Convocação para o reino de Deus

28.º domingo do Tempo Comum
13 de outubro

INTRODUÇÃO

A convocação da Igreja no meio dos homens não se faz tanto pela palavra proclamada, como no passado, mas pelo testemunho dos que crêem.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura **Is 25,6-10a**

No Antigo Testamento (como hoje entre nós também), o banquete era sinal de amizade. Usando esta imagem, Isaías profetiza sobre a era do Messias.

Haverá, dizia ele, uma confraternização, ou seja, sentar-se-ão à mesma mesa aqueles que antes se tinham odiado por longo tempo, os que tinham lutado entre si para roubar as riquezas, as terras, os bens uns dos outros.

Quando os profetas falavam do futuro messiânico, tratavam, entre outros temas, da assembléia em que Javé reuniria não só as doze tribos de Israel, mas todas as nações da terra.

Como meditamos domingo passado, Deus quis operar aquela reunião

por meio do povo eleito, mas a recusa de Israel o privou de seu privilégio e a reunião se faz com os outros povos em torno do Cristo crucificado, que ressuscitou dos mortos.

A morte, eliminada para sempre, significa a vitória sobre tudo aquilo que, para nós, é sinal de derrota: uma vida sem sentido e sem ideais, a dor, a fome, a doença, a marginalização.

Com a vinda do Messias, qualquer situação de “morte” é transformada. Haverá somente alegria, felicidade. Será a festa, o banquete do Reino.

2.ª leitura **Fl 4,12-14.19-20**

Paulo participou ativamente da convocação dos pagãos em torno de Cristo, morto e ressuscitado. Lutou contra a “morte” que oprimia as comunidades, ou igrejas, por ele fundadas.

Neste final da Carta aos Filipenses, escrita da prisão em Éfeso, agradece-lhes a ajuda que lhe mandaram, mas revela seu interior alegre e bem-disposto, mostrando-se indiferente a ter poses, ou não.

De fato, aprendeu a viver na abundância e na indigência, mas sempre sustentado pela fé inquebrantável em Jesus, do qual lhe vinha a força: *tudo posso naquele que me fortalece* (v.13).

Tomara que pudéssemos afirmar a mesma coisa: estou preparado para tudo, pois sei em quem deposito a minha confiança!

No fim, Paulo afirma que Deus ama e protege seus apóstolos e recompensará, como só ele sabe fazer, a generosidade, praticada em seu favor.

Evangelho **Mt 22,1-14**

O banquete representa, a felicidade dos tempos messiânicos. Quem acolhe a proposta do Evangelho começa fazendo parte do reino de Deus.

Já, refletimos, que Deus organizaria um banquete para celebrar a vitória sobre a “morte”. A ressurreição de Jesus

foi a hora do triunfo e o dia no qual foram celebradas as núpcias indissolúveis entre Cristo e a Igreja. A partir de então, não haveria mais lugar para tristeza, a desconfiança, ou desânimo: todas as “mortes” já tinham sido vencidas!

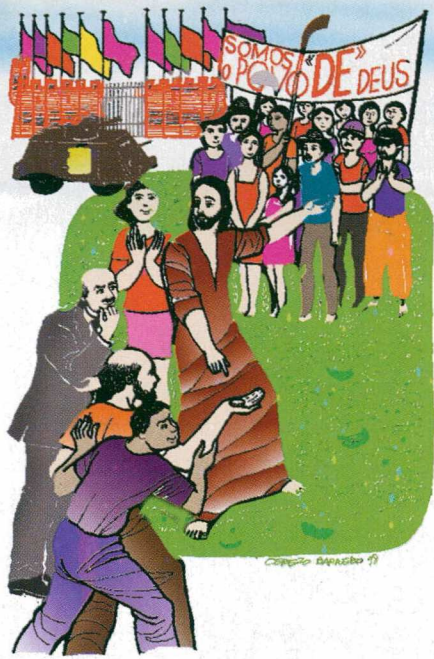
A palavra “evangelho” quer dizer “mensagem de alegria”. Enchamos, portanto, nosso coração de satisfação. Temos todos os motivos para usufruir da paz prometida por Cristo. A paz que se alcança, quando se luta contra a opressão, a injustiça, a exclusão, a falta de amor ao irmão.

Nossa catequese, nossa reflexão em comum ou nossa pregação não podem ser uma fala enfadonha, desligada dos problemas reais que nos cercam, mas expressão daquilo que nos vai na alma. Com sorriso e serenidade. Longe de nós caras tristes e aborrecidas. Quem nos ouve deve perceber o entusiasmo de que somos possuídos e se sentir ataido pela doutrina de nosso Salvador.

Nossa vida nova é comparada com frequência à veste branca, usada no dia de nosso batismo. Não é suficiente ter recebido o sacramento, é necessário assumir um comportamento totalmente novo. Não podemos mais carregar os trapos da vida antiga: os adultérios, os roubos, a poligamia, as bebedeiras, as orgias. É preciso construir a vida sobre novos valores. Todos somos convidados, mas poucos de nós têm a coragem de dar o passo decisivo. Jesus nos adverte sobre o perigo de perdermos um tempo precioso!

REFLEXÃO

Lutamos contra as “mortes” da injustiça, da fome, do desemprego, da exclusão, em nós mesmos e em nosso ambiente? É com autêntica alegria que comunicamos a palavra de Deus? Estamos dispostos a nos revestir dos novos valores do Evangelho?



O que é de César e o que é de Deus

29.º domingo do Tempo Comum
20 de outubro

INTRODUÇÃO

Não existem duas esperanças: uma terrena e outra celeste. A esperança é uma só. Diz respeito à realidade futura, mas, pelo empenho cristão, é antecipada já na realidade terrena.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura **Is 45,1.4-6**

Esta leitura ilumina as relações entre fé e política, porque mostra como Deus se interessa pelos e acontecimentos da história e os guia.

Mesmo pessoas que não conhecem o Senhor (no caso, o rei Ciro, que governou a Pérsia de 557 a 529 a.C.), podem realizar seus planos de salvação, ser instrumentos de bem para o povo eleito e anunciar suas obras. Para os israelitas, que se encontravam no exílio havia muito tempo, Ciro se apresentava como o homem da Providência.

Com frequência, perguntamo-nos: Deus se interessa realmente por nós,

ou nos esqueceu? Deus cuida de nossos problemas, ou se limita a nos lembrar da sua existência, com alguma intervenção extraordinária?

O profeta nos ensina a cultivarmos uma sensibilidade espiritual mais intensa. Somente assim estaremos em condições de perceber e distinguir o amor do Pai que nos acompanha, em qualquer hora, alegre ou amarga de nossa vida, valendo-se, se preciso, de instrumentos inesperados.

2.ª leitura **1Ts 1,1-5b**

Paulo percebe a obra de Deus e o poder do seu Espírito. Tinha desanimado porque constatar a própria fraqueza, mas agora está feliz, ao comprovar como Deus conduz a bom termo a obra começada com os cristãos de Tessalônica. Louva-lhes a fé ativa, o esforço da caridade e a perseverança na esperança em Jesus Cristo.

Sabemos que a esperança cristã só se realizará totalmente no mundo futuro. Contudo, manifesta, desde já, sua eficácia. Longe de nos alienar da cidade terrestre, engaja-nos nela, sem a ela nos prender. É força imensa no mundo, é fermento que o faz levedar, é um sal que dá sentido e sabor ao nosso esforço de libertação.

Portanto, não há duas esperanças, mas uma só que nos levanta o ânimo diante dos problemas de nosso dia-a-dia e nos serve de luz para resolvê-los. Não podemos nos desesperar nunca, porque acreditamos na constante e carinhosa Providência de Deus, sempre ao nosso lado.

Evangelho **Mt 22,15-21**

Freqüentemente, Jesus se insurgia contra a hipocrisia das autoridades do povo judeu. Desta vez, chegam a elogiá-lo para, em seguida, fazer-lhe uma pergunta perigosa.

Se Cristo fosse contra o pagamento dos impostos, poderia ser denunciado aos romanos como subversivo; se fosse favorável, atrairia a antipatia do povo que odiava os colonizadores.

O raciocínio de Jesus era muito sutil. A moeda devia ser restituída a César, porque nela estava impressa a imagem do seu senhor: o imperador.


Há também uma criatura sobre qual está impressa a imagem de Deus. *Deus criou o homem à sua imagem* (Gn 1,27). Eis a criatura que não pode pertencer a mais ninguém senão a Deus: o homem. Ninguém poderá dominá-lo, escravizá-lo, oprimi-lo, aproveitar-se dele como se fosse um objeto de sua propriedade. É sagrado, é de Deus.

Trata o homem como objeto quem explora o operário; usa o corpo da mulher como simples instrumento de prazer; humilha a esposa e a considera sua serviçal, decidindo tudo sozinho, etc.

Somos todos iguais: no rosto de cada um de nós e no de cada pessoa está impressa a imagem de Deus! Esta é a nossa fé. E a fé não pode ser vivida de uma maneira desligada das realidades deste mundo, não pode ser praticada em segredo, no próprio quarto, ou na igreja, durante quarenta e cinco minutos por semana.

A religião deve condicionar todas as nossas escolhas e todas as horas de nossa vida. Portanto, não pode deixar de influir, também, sobre nossas opções políticas, sobre o cumprimento de nossos deveres de cidadão e sobre nossa vida familiar e no trabalho.

REFLEXÃO

Confiamos na ação constante e maternal de Deus em nossa vida? Como decorrência disso, alimentamos em nós a esperança? Esta é alimentada na fé ativa, feita não de conversas, mas de ações concretas de respeito a qualquer irmão, imagem de Deus? 

Leituras litúrgicas das Missas — SETEMBRO



22.ª semana do Tempo Comum

2 - segunda: 1Cor 2,1-5 = Simplicidade da pregação do apóstolo. Sl 118. Lc 4,16-30 = Jesus, rejeitado em Nazaré.

3 - terça: 1Cor 2,10b-16 = Sabedoria evangélica revelada pelo Espírito. Sl 144. Lc 4,31-37 = Cura de um possesso em Cafarnaum.

4 - quarta: 1Cor 3,1-9 = Dissensões: eu sou de Paulo; eu de Apolo... Sl 32. Lc 4,38-44 = Cura da sogra de Pedro; milagres ao pôr-do-sol.

5 - quinta: 1Cor 3,18-23 = Tudo é vosso; vós, de Cristo; Cristo, de Deus. Sl 23. Lc 5,1-11 = Pesca milagrosa; primeiros discípulos.

6 - sexta: 1Cor 4,1-5 = O Senhor, único juiz dos apóstolos. Lc 5,33-39 = Jejum na ausência do Esposo; remendo novo recipiente novo.

7 - sábado: 1 Cor 4,6b-15 = Se tudo recebeste, por que te glorias? Sl 36. Lc 6,1-5 = Espigas colhidas no sábado: Jesus, Senhor do sábado.



23.ª sem. do Tempo Comum

9 - segunda: 1Cor 5,1-8 = Cristo, nossa Páscoa, foi imolado: purificai-vos do velho fermento. Sl 5. Lc 6,6-11 = Cura de um braço paralisado.

10 - terça: 1Cor 6,1-11 = Recurso a tribunais pagãos, em caso de litígios entre irmãos?! Sl 149. Lc 6,12-19 = Escolha dos Doze; curas numerosas.

11 - quarta: 1Cor 7,25-31 = Matrimônio e celibato. Sl 44. Lc 6,20-26 = Bem-aventuranças e imprecações.

12 - quinta: 1Cor 8,1b-7.11-13 = Carnes oferecidas aos ídolos: evitar o escândalo. Sl 138. Lc 6,27-38 = Amor aos inimigos.

13 - sexta: 1Cor 9,16-19.22b-27 = Fazer-se tudo para todos, a fim de salvar todos. Sl 83. Lc 6,39-42 = Atitude do discípulo: guia cego, cisco e trave boi olho.

14 - sábado: Exaltação da Santa Cruz. Nm 21, 4b-9 = Todo aquele que for mordido e olhar a serpente de bronze ficará curado.



24.ª semana do Tempo Comum

16 - segunda: 1Cor 11,17-26.33 = Celebração da ceia do Senhor. Sl 39. Lc 7,1-10 = Cura do servo do centurião: Senhor, eu não sou digno...

17 - terça: 1Cor 12,12-14.27-31a = Comparação do corpo e dos membros. Sl 99. Lc 7,11-17 = Ressurreição do filho da viúva de Naim.

18 - quarta: 1Cor 12,31 — 13,13 = Hino à caridade, o caminho mais excelente. Sl 32. Lc 7,31-35 = Faça assim, ou não faça, o cristão sempre será criticado.

19 - quinta: 15,1-11 = Certeza da ressurreição de Jesus. Sl 117. Lc 7,36-50 = Perdoada a pecadora que ungiu os pés de Jesus.

20 - sexta: 1Cor 15,12-20: Necessidade da ressurreição de Jesus. Sl 16. Lc 8,1-3 = Piedosas mulheres acompanham Jesus.

21 - sábado: São Mateus, Apóstolo. Ef 4,1-7.11-13 = Cristo concedeu a uns ser apóstolos, outros, evangelistas. Sl 18. Mt 9,9-13 = Jesus disse-lhe: "Segue-me". E ele, levantando-se, seguiu-o.



25.ª semana do Tempo Comum

23 - segunda: Pr 3,27-34 = Conselhos de sabedoria e de bondade. Sl 14. Lc 8,16-18 = Lâmpada à vista.

24 - terça: Pr 21,1-6.10-13 = Sentenças diversas de sabedoria. Sl 118. Lc 8,19-21 = Mãe e "irmãos" de Jesus.

25 - quarta: Pr 30,5-9 = Oração para não cair em extrema pobreza. Sl 18. Lc 9,1-6 = Missão dos doze apóstolos.

26 - quinta: Ecl 1,2-11 = Nada de novo debaixo do sol. Sl 89. Lc 9,7-9 = Opinião de Herodes sobre Jesus.

27 - sexta: Ecl 3,1-11 = Há um tempo para cada coisa. Sl 143. Lc 9,18-22 = Pedro declara sua fé em Jesus; primeiro anúncio da Paixão.

28 - sábado: Ecl 11,9 — 12,8 = Lembra-te do teu Criador. Sl 89. Lc 9,43b-45 = Segundo anúncio da Paixão.

26.ª semana do Tempo Comum

30 - segunda: Jó 1,6-22 = É colocada à prova a paciência de Jó. Sl 16. Lc 9,46-50 = Questões de vaidade e de ciúme: ser como criança...

Turma da Maira em: O nome de Mani

ESTOU ADORANDO A SUA CASA, CASSILDA! QUASE NÃO SINTO FALTA DA FLORESTA!

TAMBÉM PUDERA! A CASSILDA TEM UM ZOOLOGICO AQUI!

MANI! O QUE SIGNIFICA SEU NOME?

SIGNIFICA "BRANCA".

BRANCA? MAS VOCÊ É MORENA!

ÉI MEUS AVÓS CONTAVAM QUE, HÁ MUITO TEMPO, EXISTIU UM CACIQUE MUITO BONDOSO CHAMADO ABAPEBA, QUE SIGNIFICA "CABEÇA-CHATA"...

AHI NÃO! É QUE A MINHA MÃE COLOCOU ASSIM POR CAUSA DA LENDA DA MANDIOCA!

DA MANDIOCA??!!

SUA FILHA ESTAVA GRÁVIDA E ELE ESTAVA MUITO ORGULHOSO...QUERIA MUITO QUE NASCESSE UM MENINO...

...PARA SER UM FUTURO GUERREIRO PARA DEFENDER A TRIBO...

... NO ENTANTO, EM VEZ DE UM MENINO, NASCEU UMA MENINA BRANQUÍSSIMA!

O CACIQUE FICOU COM MUITA RAIVA, MAS NUM SONHO, UM ANJO APARECEU E DISSE-LHE QUE TRATASSE MUITO BEM A PEQUENINA PORQUE ERA MUITO ESPECIAL...



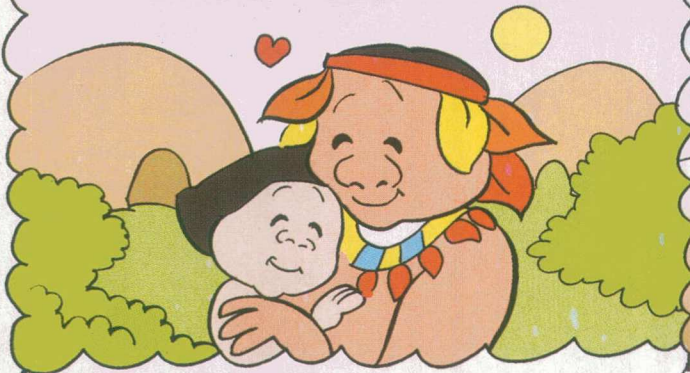
E, REALMENTE, MANI, COMO FOI CHAMADA, ERA ADMIRÁVEL; CRESCIA CADA VEZ MAIS BONDOSA E PRESTATIVA...



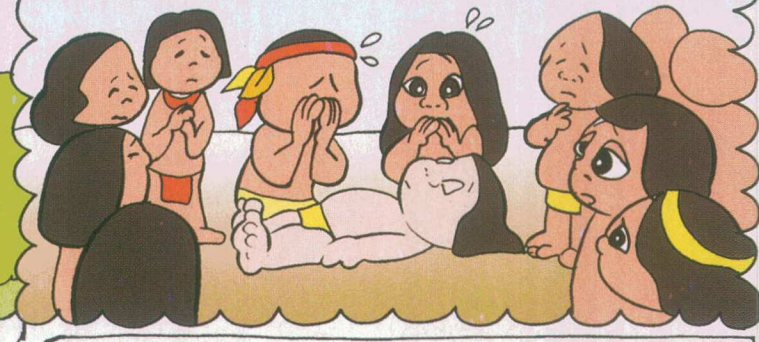
...SEMPRE AJUDANDO A TODOS E PROCURANDO SER SEMPRE ÚTIL. NÃO PARTICIPAVA DAS GUERRAS, MAS AJUDAVA NA ALDEIA, COM HUMILDADE, A MELHORAR A VIDA DOS ÍNDIOS...



AO VER ISTO, O CACIQUE PERCEBEU SEU ÉRRO E PASSOU A AMAR MANI COMO SUA FILHA...



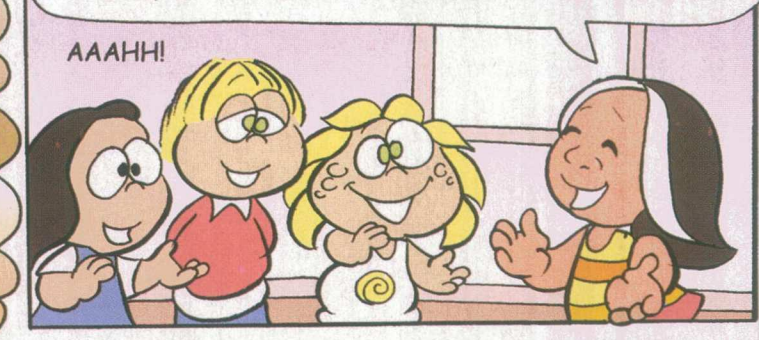
MAS UM DIA, SEM TER SEQUER ADOECIDO OU SOFRIDO QUALQUER ACIDENTE, MANI MORREU, DEIXANDO SEU AVÔ, O CACIQUE, MUITO ABALADO...



MANI FOI ENTERRADA EM SUA CASA E ALGUM TEMPO DEPOIS, NO LUGAR, NASCEU UMA PLANTA QUE OS ÍNDIOS NÃO CONHECIAM...



...ESTA PLANTA DEU UMA RAIZ QUE ATÉ HOJE É MUITO USADA PELOS ÍNDIOS DANDO-LHES FORÇA E SAÚDE; É A MANDIOCA! MANI+OCA= CASA DE MANI!



EI! TURMINHA! VENHAM COMER!

UAUI TUDO FEITO DE MANDIOCA!

BOLINHO DE MANDIOCA, MANDIOCA FRITA, DOCE DE MANDIOCA...HUMM!

ISSO MESMO! AQUI COMEMOS "CASSIOCA" "CASA DA CASSILDA"!!

HA HA HA HA HA HA!





Tahira-Can, Estrela Vésper

Lenda dos índios carajás

Os carajás ainda não conheciam nem plantavam milho ou mandioca e se alimentavam de caça e peixe.

Foi quando um casal teve duas filhas: Imaherô e Denakê.

— Meu pai, que coisa linda! — disse, certa noite, Imaherô, a irmã mais velha, apontando Tahira-

Can, que era a estrela vésper, a estrela da tarde. — Quero aquilo para mim.

O pai achou graça e brincou:

— Talvez aquilo que brilha no céu escute o que você diz e venha lhe fazer uma visita.

Naquela mesma noite, depois que todos dormiam, a moça percebeu chegar alguém pertinho dela.

— Quem é? perguntou, assustada.

— Sou eu, Tahira-Can. Ouvi o que disse. Vim casar-me com você.

Depois de olhar para ele, Imaherô ficou furiosa: Tahira-Can era um velhinho de cabelos bem brancos e de pele bem enrugada.

— Não quero me casar com você, não! Você é velho e feio. Só me casarei com moço forte e bonito.

O velhinho, muito triste, pôs-se a chorar.

Denakê, a irmã mais moça de Imaherô, era bondosa e meiga. Tendo ouvido o que Imaherô dissera, teve pena do velhinho.

— Não chore, pediu-lhe ela. Eu me caso com você.

— Agora, preciso sustentá-la, Denakê. — disse Tahira-Can depois do casamento. — Para isso, vou ensinar os carajás a fazerem uma boa roça.

Entrou no Rio Araguaia e, mergulhando as mãos em suas águas, delas foi tirando mudas de mandioca, semente de milho e de todas as outras plantas que os carajás ainda não conheciam. Depois, o velhinho disse à mulher:

— Vou roçar o mato e fazer a plantação. Mas não venha me espiar. Fique em casa. Quando eu voltar, você me traga a comida.

Mas Tahira-Can demorou tanto, tanto, que Denakê ficou com medo:

— Ele vai se cansar muito!

E foi espia-lo. Que surpresa! E que alegria! Enquanto trabalhava, Tahira-Can se havia transformado em um lindo rapaz, forte e alto, pintado e enfeitado como era costume entre os carajás. Imaherô apareceu também. Vendo o lindo cunhado, exclamou:

— Quero me casar com você. Foi para mim que você veio! Fui eu que o chamei:

— Agora é tarde, disse Tahira-Can. Denakê me quis velho. Moço, continuo dela, só dela!

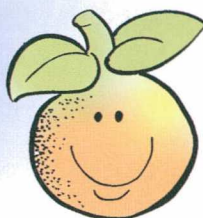
De inveja e raiva, Imaherô transformou-se no urutau, ave que, até hoje, vive nas matas dando gritos forte e tristes.

Denakê, ao contrário, continuou feliz ao lado de seu marido. E foi assim que os carajás aprenderam com Tahira-Can a plantar milho, mandioca e várias outras coisas boas que não conheciam.

(Extraído da coleção "Lenda brasileiras", nº 14 Ed. Melhoramentos-MEC)

DESEMBARALHE
AS LETRAS E LIGUE
CADA FRUTA AO SEU
NOME!

VAMOS LAVAR EM AS FRUTAS,
VERDURAS E LEGUMES ANTES
DE COMER!

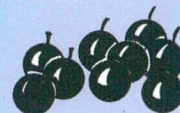
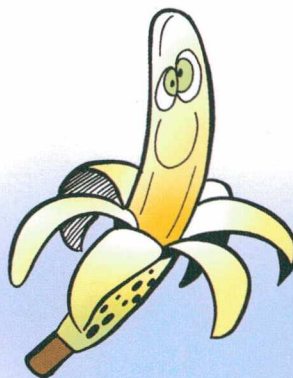


JANRALA

NANAAB

GAMORNO

BAJUCATIBA



QUAIS PEIXES SÃO IGUAIS?



revista Ave MARIA

PRIMEIRA REVISTA
CATÓLICA MARIANA
DO BRASIL

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — compromisso com o evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também essa mensagem. Você já pensou em dar de presente uma assinatura da AVE MARIA a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima?

O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos, além de estórias e joguinhos infantis que ajudam a crescer nossas crianças.

Você sentirá satisfação em divulgar mensagens cristãs e marianas.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria por meio da revista. É muito fácil e simples fazer sua assinatura.

Ligue grátis de qualquer parte do Brasil:

0800-555-021 ou (11) 3666-2128

Ave
MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

CORREIOS
Impresso especial
5406/01 DR/SPM
Ave Maria



**Leia e assine
a revista
Ave Maria**

Não perca esta oportunidade!

Entre em contato conosco pelo telefone:

0800-555-021

(grátis)

R\$ 25,00 (12 edições)

Novo endereço da Revista Ave Maria
na internet

www.avemariainternet.com.br

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.